

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

FRANCIELE LEMOS MARTINELLO

A EXPERIÊNCIA DO REGISTRO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

CRICIÚMA

2018

FRANCIELE LEMOS MARTINELLO

A EXPERIÊNCIA DO REGISTRO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada em Artes no curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2018

FRANCIELE LEMOS MARTINELLO

A EXPERIÊNCIA DO REGISTRO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 20 de Novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Izabel Cristina Marcílio Duarte - Mestre - (UNESC)

Prof^a. Odete Angelina Calderan - Mestre - (UNESC)

Dedico este trabalho a minha mãe que sempre priorizou meu estudo durante esses quatro anos e renunciou suas vontades para realizar as minhas.

AGRADECIMENTOS

Como minha mãe sempre ensinou, começo agradecendo a Deus, que foi minha maior força nos momentos de angustia e desespero. Sem ele, nada disso seria possível. Obrigada, Senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração. Por abençoar o meu caminho durante esse trabalho que é o tão esperado TCC. A fé que tenho em ti alimentou meu foco, minha força e minha disciplina. Sou grata pelas bênçãos que recaíram não só sobre mim, mas também sobre minha família.

Gostaria de agradecer minha família. Especialmente, minha mãe, que juntas enfrentamos tantas dificuldades para que eu pudesse estudar e chegar até este momento. Eu poderia escrever todas as próximas páginas a serem lidas, somente de agradecimentos a ela, minha maior motivação de acordar todos os dias e enfrentar todos os desafios, grata a você que nunca negou um colo nos momentos difíceis, grata a você que me incentivava muito quando eu acordava às 4h da manhã quando eu acordava para trabalhar e ia dormir todos os dias depois das 00h me esperando com prato de comida pronto em cima da mesa. Grata a você que já deve ter ficado com os joelhos doendo de tanto orar por mim, quantos rosários me entregou nas orações, quantas vezes – sacra, quantos pratos de comida que já faltou na nossa mesa e você, continuou priorizando meus estudos, que é o bem mais valioso que me deu até agora fora meu irmão, que é minha vida. Mãe, és a minha joia preciosa, eu te amo mais que tudo!

Agradeço ao meu eterno namorado Arthur Formanski Alves, que ao longo desses meses me deu não só força, mas apoio para vencer essa etapa da vida acadêmica. Obrigada, meu amor, por suportar as crises de estresse e minha ausência em diversos momentos. Obrigada por exatamente nesse momento de dificuldades e intensos estudos, vivenciar de um momento tão lindo na nossa vida que é a espera da nossa doce e amada filha, Isis. Obrigada por me apoiar na minha gestação durante o período acadêmico mais importante. Obrigada por nunca subestimar minha inteligência e sempre me colocar para cima, obrigada por priorizar sempre meus estudos e me falar todos os dias: Capricha! Eu te amo.

Agradeço ao meu padrasto, Valdecir, que ia me buscar todas as noites na parada, chuva, vento ou tempestade, estava lá, e só ia dormir depois que eu estivesse dentro de casa. Aos meus irmãos, Vinícius, Natália e Heloisa, obrigada pelo apoio e torcida. Meu eterno agradecimento a todos os meus amigos, que deram uma contribuição valiosa para a minha jornada acadêmica. Obrigada pelos conselhos, palavras de apoio, puxões de orelha e risadas. Só tenho a agradecer e dizer que esse TCC também é de vocês. Agradeço aos professores que acompanharam a minha jornada acadêmica de perto e deram muito apoio em sala de aula. Obrigada pela incansável dedicação e confiança. Sou grata principalmente a minha maior inspiração Marcos Antônio dos Santos que foi o meu supervisor do PIBID o projeto que eu participei por dois anos, o homem a qual em muitos momentos fez papel de amigo, professor, pai entre outros adjetivos que eu poderia citar aqui, o mais atencioso, e que contribuiu muito com a realização dessa pesquisa.

Agradeço em especial a professora Silemar, por me orientar nesta pesquisa com muita sabedoria, por me aceitar em meio a tantas acadêmicas que aceitou a orientar este semestre, que me acompanha esses 4 anos, que tem forças para enfrentar seu dia a dia que um dia eu gostaria de ter também, obrigada pela determinação e a potência da arte. Agradeço a direção e alunos das escolas Antônio Mangilli, Hercílio Amante, Cedup Abílio Paulo e Antônio Coelho pela oportunidade de fazer estágio supervisionado. Foi com essa experiência que me tornei uma profissional melhor e conheci minha área de formação. Obrigada em especial a minha professora da universidade, Isabel Duarte, que foi uma das professoras que lecionou na sala que fiz um dos estágios, que para mim foi o mais marcante e meus mentores, Gislene, Édina, e minha própria orientadora de TCC Silemar por me ensinarem a prática dos conhecimentos que adquiri na universidade.

Obrigada a coordenação do meu curso, em nome do Marcelo Feldhaus pela oportunidade que me deu na primeira fase de fazer o curso de Artes Visuais – Licenciatura, oportunizando uma bolsa de extensão, no dia que eu iria desistir de tentar permanecer na universidade, depois de tantas tentativas de bolsas de estudo, e todas negadas. Hoje em nome da Aurélia, agradeço por me oferecer professores incríveis, um ambiente de estudo saudável e muitos estímulos para participar de atividades acadêmicas. Sou grata não só aos professores, mas também à

coordenação, a Eliana, a Rosi e demais colaboradores da instituição. Aproveito a oportunidade para agradecer os acadêmicos que me permitiram a pesquisa de campo, com os cadernos de registro, sem vocês minha pesquisa não seria possível. Agradeço à instituição, UNESCO que me proporcionou a chance de expandir os meus horizontes. Obrigada pelo ambiente criativo e amigável nesses quatro anos de formação.

Por fim, agradeço à toda minha família, amigos, professores, namorado e pessoas que ajudaram na realização desse trabalho. Sou imensamente grata pela paciência e incentivo.

“É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada”.

William Shakespeare

RESUMO

Esta pesquisa está inserida na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC e busca caminhar pela A/r/tografia, uma metodologia de pesquisa que investiga que a arte faz parte das reflexões da nossa vida, das práticas de professores e artistas. Apresenta como problemática: O que dizem os acadêmicos da licenciatura em artes da UNESC sobre o papel do registro/ caderno de professor na sua formação e de que forma esses dizeres contempla o papel deste professor na contemporaneidade. Tem como objetivo investigar a potência dos cadernos de registros dos acadêmicos da nova matriz do curso (2017/2018). A pesquisa de campo aconteceu a partir de uma visita na aula de seminário IV que é uma disciplina que é trabalhada contemplando a interação entre as disciplinas do semestre buscando registros nessas produções, quatro (4) acadêmicos disponibilizaram seus cadernos para esta pesquisa, terei um encontro com seus cadernos de registros. O trabalho busca refletir porque o registro é importante na formação do ser professor, considerando a experiência com a arte na vida das pessoas. Para tanto o diálogo teórico acontece a partir de Suzuki (2006), Lampert (2013) Tourinho e Martins (2011) entre outros. Considerando a relevância deste desafio para repensarmos a importância do registro na formação dos professores de artes.

Palavras-chave: Arte. Ensino da Arte. Caderno de Professor. Registro. Professor de Artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Arte Rupestre	17
Figura 2 – Picasso, Guernica, 1937	18
Figura 3 – Rene Magritt, Os amantes, 1928	19
Figura 4 – Leonardo Da Vinci, Monalisa, 1503.....	20
Figura 5 – Autorretrato Van Gogh	20
Figura 6 – Pintura Coletiva	37
Figura 7 - A Negra	37
Figura 8 – Reflexos	38
Figura 9 - Releitura O Grito	38
Figura 10 - Fotografando com Luzes	39
Figura 11 – Simplicidade	39
Figura 12 - Contra a Luz	40
Figura 13- Cores	40
Figura 14 – Memórias	41
Figura 15 – Ângulos	41
Figura 16 – Entrelaçadas	42
Figura 17 - Dança Teatro	42
Figura 18 - Estágio I	43
Figura 19 - Inusitado na aula de arte.....	43
Figura 20 - Estágio II	44
Figura 21 - Estágio III	44
Figura 22 - Corpo como tela.....	45
Figura 23 - Cerâmica e Pesquisa	45
Figura 24 – Painel Coletivo Plural - Hexagonal.....	46
Figura 25 – Argila	46
Figura 26 - Diário do Dairan 1	53
Figura 27 - Diário do Dairan 2	53
Figura 28 - Diário de Bianca 1	54
Figura 29 - Diário de Bianca 2	55
Figura 30 - Diário de Bianca 3.....	56
Figura 31 - Diário de Renata 1	57
Figura 32 - Diário de Renata 2	57

Figura 33 - Diário de Renata 3	58
Figura 34 - Diário da Francine 1	59
Figura 35 - Diário da Francine 2	60
Figura 36 - Diário de Dairan 3	61
Figura 37 - Diário de Bianca 4	62
Figura 38 - Diário de Renata 4	62
Figura 39 - Diário de Francine 3	63
Figura 40 - Rubens Matuck 1	64
Figura 41 - Capa de Seu Livro	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
PIBID	Programa de iniciação a docência
LDB	Lei de Diretrizes e bases
PCC	Proposta Curricular do Curso
BNCC	Base Nacional comum curricular

SUMÁRIO

1 PARA COMEÇO DE CONVERSA.....	11
1.1 CAMINHOS DA PESQUISA.....	12
1.2 CAPITULO POR CAPITULO: UM BREVE REGISTRO.....	15
2 O ENSINO DA ARTE E HISTÓRIA DA ARTE: DIÁLOGOS E REGISTROS.....	17
2.1 A ARTE MUDA O ENSINO DA ARTE TAMBÉM DEVE MUDAR.....	22
2.2 A PEDAGOGIA CULTURAL E O ENSINO DA ARTE	24
3 COMO ME FAÇO PROFESSOR DE ARTES?	29
3.1 O CURSO DE ARTES VISUAIS UNESC: MATRIZ 1 VESPERTINO	31
3.2 PROFESSOR DE ARTES: QUE REGISTRO É ESSE?.....	33
3.3 A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO	35
4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES ESTAMPADA EM SEU CADERNO DE REGISTRO.....	49
4.1 O CADERNO DO PROFESSOR / DIÁRIO DE BORDO.....	50
4.2 O QUE DIZEM OS ACADÊMICOS SOBRE SEUS REGISTROS?	53
5 CONSIDERAÇÕES.....	66
6 PROPOSTA DE CURSO	66
7 REFERÊNCIAS.....	76

1 PARA COMEÇO DE CONVERSA

Queria ser fotógrafa. Fotografia sempre foi a linguagem que mais me identifiquei. Com 15 anos fiz meu primeiro curso de fotografia e venho me aperfeiçoando até hoje, isto é meu hobby, mas não só o hobby, também trabalho com fotografia, e hoje vivo disso. Gosto também de fazer vídeos e registrar momentos significativos. A fotografia me levou a fazer o Curso de Artes Visuais – Licenciatura na UNESC. Depois de algum tempo no curso, comecei a participar do PIBID e neste projeto, venho ampliando experiências em torno dos registros. Toda aula tínhamos que registrar em um caderno, o relato daquele dia. Porém, em um dos encontros pedi para registrar em vídeo, depois deste dia os meus colegas começaram a também registrar de maneira diferente e começamos a vivenciar mais de perto os momentos vividos em cada escola que o PIBID fazia parte. Tinha um professor que me incentivava muito, e ele foi uma das pessoas mais importantes na minha formação e é inspiração até hoje.

O registro é um processo tão importante no cotidiano, que pesquisar sobre ele, me move, pois tudo ao meu redor provoca um olhar mais sensível e vou querendo capturar tudo a cada instante. Evidencio aqui a importância e a potência do registro na formação do professor. Como que eu, acadêmica, me torno mais potente com esses registros? Como faria um trabalho diferente hoje olhando meus registros anteriores? O jeito de as pessoas me olharem também influenciou bastante nas minhas produções. Me questiono de como os professores lembram das atividades feitas, se não registrando por algum meio? Estas questões me provocam a pensar este trabalho de conclusão de curso.

Analisando a nova matriz do curso de Artes Visuais, vejo que a segunda e quarta fase estão fazendo um caderno/ diário de professor. Tem uma disciplina que trabalha diretamente sobre essas produções e esses registros, e me senti muito provocada a pesquisar mais sobre isso, visualizando de que forma os acadêmicos lidam com essa produção, o que eles registram, de que forma, como isso contribui na formação deles? E o quão potente pode se tornar aquilo daqui alguns anos, por exemplo. O que me instiga a fazer esta pesquisa, é justamente de ver como são esses registros, como ele vai olhar para trás e recordar de todos os momentos importantes

que já viveu, experimentou, se ele não registrou de alguma forma? Lembrando de nossos diários e agendas de adolescentes. Somos seres de registros, precisamos deles. Pois é, parei para pensar e realmente é verdade, basta nascermos e alguém já corre a providenciar nosso registro, além dos registros da gestação. Outros tantos virão pela nossa vida, memórias do que já fomos ou fizemos: diplomas, certidões, certificados e quantas e deliciosas fotos de aniversários, formaturas, casamentos entre outros momentos importantes. Nós, enquanto professores em formação, também somos agentes de uma história compartilhada por dezenas de colegas, e nesse percurso, deixamos marcas, elaboramos registros e contamos a nossa própria história.

Para atender à exigência desta escrita acadêmica, remeto-me a seguir às questões metodológicas deste desafio que tem como objetivo melhor compreender o papel do caderno do professor na formação acadêmica. O diálogo teórico dá cientificidade desta escrita e se apresenta mapeado após as questões metodológicas.

1.1 CAMINHOS DA PESQUISA

Esta pesquisa busca saber um pouco mais sobre a potência do registro na formação do professor, e para realizá-la sigo a linha de pesquisa: Educação e Arte do Curso de Artes Visuais UNESC, a qual contempla os: “princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação.”

É uma pesquisa de natureza básica, que traz reflexões e discussões acerca das questões norteadoras: Como está sendo evidenciado a importância do registro na formação do professor? Como os acadêmicos de artes visuais da nova matriz vejam isso para sua formação? Com uma abordagem **qualitativa**, como cita Minayo (1994 p.22) “A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”

Fazendo pesquisa com alguns acadêmicos, sendo uma **pesquisa descritiva**, pesquisa essa que seu objetivo é descrever características de tal pessoas, que aqui na minha pesquisa tem como objetivo principal analisar a potência desses registros.

Para tanto, será realizada uma **pesquisa de campo**, que segundo Minayo (1994, p.44) “Devemos definir as técnicas a serem utilizadas na pesquisa”, pesquisa essa que é através de entrevistas, observações, formulários, história de vida, irei conhecer um pouco mais desses acadêmicos, conversando com eles e observando a produção de cada um, no caso o caderno de registro. Nessa perspectiva, Oliveira (1999) diz que a pesquisa tem como objetivo estudar determinados assuntos utilizando conhecimentos teóricos com o intuito de conhecer o porquê da ocorrência de certos acontecimentos. O uso de um corpo teórico faz-se pertinente para melhor refletir sobre o presente projeto, o qual traz como problema o seguinte questionamento: **O que dizem os acadêmicos da licenciatura em artes da UNESCO sobre o papel do registro/ caderno de professor na sua formação e de que forma esses dizeres contempla o papel deste professor na contemporaneidade.**

Existem muitas formas para se pensar a metodologia de pesquisa, mas a **A/r/tografia** me chamou a atenção por trazer esta ideia de mapa e territórios, lembrando das práticas de professores e artistas, entendendo tanto a imagem quanto a escrita como formas de produções significativas que se complementam. De acordo com Belidson Dias (2011, p. 25), a A/r/tografia “é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização”. Trata-se de uma pesquisa de campo, com um estreito diálogo com a A/r/tografia, abrindo um diálogo com alguns acadêmicos, com a intenção de analisar cadernos de professor, que é uma produção da segunda e quarta fase do curso. Irei observar alguns cadernos de registro e perceber como esses registros acontecem.

Partindo das observações contemplo algumas perguntas norteadoras, que auxiliará as entrevistas feitas com os acadêmicos, apenas da quarta fase, considerando o tempo de que disponho para esse desafio.

Nessa direção, conversei com a professora, responsável pela disciplina de seminário IV com a 4ª fase, e imediatamente tive um retorno positivo para marcar uma visita, observar a aula e conversar com os acadêmicos sobre essa produção. Pelo que ela adiantou, eles cansaram um pouco do método de registro, e estão construindo juntos novas possibilidades para continuar com o caderno. O primeiro contato com os acadêmicos foi através da líder da turma, sua mediação foi essencial para que tudo ocorresse com sucesso, para que eu pudesse fazer um questionário, recolher a

produção deles e pegar a assinatura com autorização de fala e imagem, porém, seria na aula de Seminário, que é a única aula que a turma tem juntos durante a semana nas quintas-feiras. No dia que estava marcado para eu ir, a turma teve uma roda de conversa com outros professores, e a semana seguinte, foi a semana da ciência e tecnologia na universidade, então tivemos que pensar outra maneira de nos comunicar. Logo, conversei com a líder e criei um grupo no WhatsApp e lá, adicionamos mais três acadêmicos, porque como a turma toda não tem muita aula junta, estão mais afastados, logo ela indicou algumas pessoas que vê diariamente, sendo mais fácil o acesso. Na tentativa de contemplar mais alguns, adicionamos duas pessoas a mais no grupo e uma não tinha os horários disponíveis para responder as perguntas e levar a produção na universidade, e a outra não conseguiu nem nos responder. E então conversei sobre minha pesquisa e eles concordaram em participar, Bianca, Dairan Selau, Francine Nazário e Renata Wadocha. Nosso próximo passo foi trocar mensagens no Whats, enviei um questionário com quatro perguntas. (Anexo 1). Durante o final de semana, me reenviaram com as respostas e na próxima semana, recolhi as produções e assinaram as autorizações de imagem e fala, (Anexo 2).

Logo, entrelaço a fala dos acadêmicos sobre as perguntas, respostas completas em (Anexo 3). Sinner (2013, p. 111) afirma que tanto a A/r/tografia como a pesquisa baseada em arte “[...] estão fundamentalmente preocupadas com a partilha de experiências vividas, porque a colaboração representa um potencial para incluir vozes em pesquisa que não podem ser ouvidas de outra maneira”. A investigação a partir de narrativas escritas não gera somente conhecimento para os leitores, mas textos e relatos que quando lidos favorecem o diálogo e a reflexão sobre suas próprias experiências, a fim de relatá-las para outras pessoas. (HERNÁNDEZ, 2005). As experiências que descrevo aqui me fazem pensar no conceito de experiência trazidos por Larrosa (2002, p. 21), que nos diz que a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Ou seja, a experiência é aquilo que vivemos, que nos transforma, nos move. Qual o significado ou importância desses cadernos de registros do professor na formação desses acadêmicos?

1.2 CAPITULO POR CAPITULO: UM BREVE REGISTRO

A pesquisa organiza-se em sete capítulos, e no decorrer da escrita desses capítulos, trago autores que dialogam e fundamentam o tema discutido. Começo com o primeiro que é intitulado: *Para começo de conversa* aqui que apresenta o meu percurso inicial na arte e na docência e um dos meus amores, a fotografia. O 1.1 é *Caminhos da pesquisa* assim como a metodologia da pesquisa, dialogando com Minayo (1994) Oliveira (1999) Belidson (2013) Sinner (2013) Hernández (2005) e Larrosa (2002). O 1.2 é *este que escrevo*.

Posteriormente, no capítulo 2, que chamo de: *O Ensino da Arte e História da Arte: Diálogos e Registros*, trago a perspectiva da arte da qual comungo e também, momentos do ensino da arte na história da educação brasileira e suas relações com a formação dos professores de Artes. Para estas temáticas, conto com: Ferraz e Fusari (2009) Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) Zagonel (2008) Lei de Diretrizes e Bases (1996) dentre outras referências que compõe minha pesquisa. No sub capítulo 2.1 intitulado: *A Arte muda o Ensino da Arte também deve mudar* proponho reflexões sobre as práticas pedagógicas dos professores, e utilizo minhas experiências e opiniões para evidenciar o assunto dialogando com Coli (1995). O 2.2 Evidencio *A pedagogia cultural e o Ensino da Arte*, falando então de imagem, relações sociais construídas, sujeitos culturais, identidade, imagens e afins, dialogando então com Silva (1999) Veiga Neto (2003) Dias (2011) Tourinho e Martins (2011) Flusser (2002) Martins (2007) Hernández (2006) Tavin (2009).

Já o capítulo 3 intitulado: *Como me faço professor de artes?* Neste capítulo, evidencio como que me faço professora, podendo exercer assim a função após o ano de 2018 dialogando com Freire (1980) e Tardif (2002). No 3.1 *O Curso de Artes Visuais Unesc: Matriz 1 Vespertino*, escrevo aqui alguns registros do curso que abracei a quase quatro anos atrás, citando alguns objetivos e competências a serem desenvolvidas a partir do que encontro no PCC (2018) dialogando com Pimenta (1999). Já o 3.2 *Professor de Artes: Que registro é esse?* Abordo aqui o professor contemporâneo, práticas pedagógicas, entre outros registros dialogando com Lavelberg (2003), Biasoli (2007) e Honorato (2015). Quando no subcapítulo 3.3 escrevo sobre *A importância do registro*, trago as práticas destes registros, a elaboração deles, e elaboração dos meus registros durante a universidade, aqui

diálogo com Zabalza (2004), Tardif (2002) Panofsky (2007) Stamm e Pillotto (2007) e Barbosa (1995).

No capítulo 4 assumo o título: *A formação do professor de artes estampada em seu caderno de registro*. Aqui discutimos um pouco do caderno de professor/ diário de bordo como um material diferenciado para a formação docente podendo exercer o registro como protagonista da memória, diálogo aqui com: Suzuki (2006). Intitulo o 4.1 *O Caderno do Professor/ Diário de bordo* falando dessa criação, modo de como fazer, como adotar a prática do registro. Neste viés dialogo com Suzuki (2006) e Lampert (2013). Antes das considerações finais, trago 4.2 que é o subcapítulo da minha pesquisa de campo intitulado *O que dizem os acadêmicos sobre seus registros?* Começo escrevendo sobre do meu primeiro contato com os estudantes e após enviar quatro perguntas, trago as respostas deles. Pontuo algumas reflexões junto aos colegas acadêmicos, evidencio, assim, diferentes possibilidades de enxergar o registro na universidade, e perceber sua importância. Aqui faço referência novamente a Lampert (2013) e Zabalza (2004), cito Mário Quintana (1990) Rubens Matuck (2013) e Baptista (2017).

No capítulo 5 que são as *Considerações* evidencio o que procuro refletir nesta pesquisa, por meio de imagens e escritas, o campo da arte, o ensino da arte e a importância da experiência do registro na formação do professor, em especial, dos professores desta área de conhecimento. Pesquisa esta que me possibilitou uma análise de como vejo meus registros na universidade, que além disso também permitiu a pesquisa de campo para obter dados mais consistentes sobre o processo dos acadêmicos.

Já o capítulo 6 apresento a *Proposta de curso*, proponho uma oficina intitulada: *Oficina de Caderno de Registro: Experimentando seu olhar poético no cotidiano acadêmico*, que tem como objetivo principal: Possibilitar aos alunos a experimentação da linguagem artística da fotografia, utilizando-se de diferentes suportes para a produção, finalizando a experiência com um caderno de registro, onde possam registrar os momentos significativos de sua trajetória, como também promover a valorização desse espaço como ambiente de convívio social.

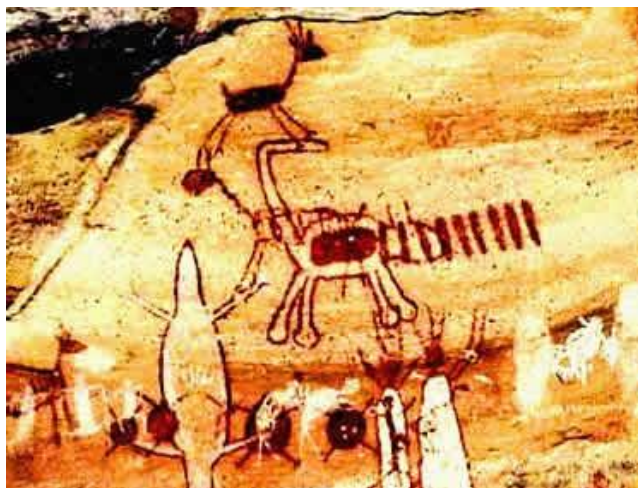
Concluo então o capítulo 7 com as *Referências* que dialoguei durante a pesquisa, e posteriormente também os anexos dos documentos importantes que utilizei.

2 O ENSINO DA ARTE E HISTÓRIA DA ARTE: DIÁLOGOS E REGISTROS

Na trajetória do ensino da Arte, podemos observar alguns registros. Assim, uma das coisas que busco compreender é esse movimento em alguns períodos da história da arte. Podemos perceber a presença da Arte a partir desses registros, teve um tempo em que seu ensino não era previsto por leis e, sim, defendido por manifestações. Seguimos aqui com a finalidade de uma ordem cronológica. Sabemos que a Arte acompanha a vida do homem desde o princípio da Pré-história (figura 1) até a atualidade, como uma maneira de o ser humano expressar seus sentimentos e sua relação com o mundo, assim como suas necessidades, registrando e se comunicando.

Nessa direção, vimos a necessidade que o homem tinha de deixar seus registros, suas marcas nas cavernas ou rochas, porque marcava a presença dele naquele lugar, e a gente traz para o nosso cotidiano hoje, deixamos a nossa marca aonde passamos, seja com produções artísticas, sentimentos, palavras de carinho, decorações de ambientes ou até mesmo um bilhete de bom dia para o colega do próximo turno no trabalho. Com o passar dos tempos, as formas de comunicação foram se modificando, e, assim a Arte foi encontrando um espaço mais amplo para manifestar-se, estando presente no desenvolvimento da humanidade. Buscando o percurso do ensino de Arte na história da educação brasileira, suas primeiras manifestações são encontradas no período da colonização do Brasil, através dos jesuítas, cuja metodologia era utilizada para “educar” os povos indígenas.

Figura 1 - Arte Rupestre



Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/a-arte-rupestre.htm>

Segundo Ferraz e Fusari (2009), as crianças eram seduzidas pelos jesuítas, que utilizavam diferentes linguagens artísticas (a música, o canto coral e o teatro). A partir desses princípios, é possível perceber que a preocupação com o desenvolvimento estético das crianças nas linguagens artísticas trabalhadas pelos jesuítas não era o que interessava, visto que a Arte era utilizada como um recurso metodológico para a apreensão dos conceitos religiosos que os jesuítas pretendiam ensinar. Em momentos posteriores da história da Arte no Brasil, temos registros de manifestações nas oficinas de artesãos e na Academia de Belas Artes, que o objetivo era realizar cópias do natural e desenvolver técnicas neoclássicas. Sendo esse um movimento artístico (pintura, literatura, escultura e arquitetura), surgido na Europa por volta de 1750, durando até meados do século XIX, trazidas por artistas europeus

Eventos tão importantes como as duas grandes guerras mundiais afetaram o mundo todo e, conseqüentemente, a arte. Um dos símbolos das consequências dessas guerras é a obra *Guernica* (figura2), de Pablo Picasso, apresentada ao público pela primeira vez em Paris em 1937.

Figura 2 – Picasso, *Guernica*, 1937



Fonte: <https://www.culturagenial.com/quadro-guernica-de-pablo-picasso/>

Analisando uma breve história dessa época, percebi que durante a Guerra Civil Espanhola, a cidade de Guernica, capital da província Basca, era uma cidade na Espanha foi bombardeada pelos nazistas. Pablo Picasso, sensibilizado pelo ocorrido, retratou por meio da pintura as suas impressões sobre o bombardeio. E podemos perceber esse fato como um registro.

Entre os registros deixados pelos homens na história da arte e o que temos como história do ensino da arte no Brasil, podemos evidenciar muitos distanciamentos. Mas o que interessa aqui é caminharmos entre a importância do registro na história da humanidade, em específico os registros que a história chama de arte, e a influência dessas mudanças no ensinar e aprender arte. Uma mistura desafiadora falar de arte e de ensino da arte assim tão imbricado. Nesse desafio coloco-me como um sujeito aprendiz. Nessa direção, proponho citar aqui mais alguns exemplos de artistas que registravam momentos importantes na sua carreira, nos acontecimentos do país ou até sua vida pessoal como por exemplo René Magritte:

Figura 3 – Rene Magritt, Os amantes, 1928



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/745486544541636267/>

Segundo o que estudamos em uma aula de história da arte, a mãe de Magritte suicidou-se quando ele tinha 13 anos. Este fato levou o artista a pintar quadros como este da (figura 3), nomeado “Les Amants”, em que dois namorados se beijam encapuçados, da mesma forma que a sua mãe tinha sido encontrada, com o vestido cobrindo-lhe a cabeça. Faço referência também a tão conhecida e amada produção de Leonardo da Vinci, Monalisa:

Figura 4 – Leonardo Da Vinci, Monalisa, 1503



Fonte: <https://www.culturagenial.com/quadro-mona-lisa>

A Monalisa (figura 4) obra prima de Leonardo, que também conhecemos como A Gioconda (em italiano "a sorridente"), é a mais notável e conhecida obra do artista. O seu sorriso é diferente, e tem quem diga que é sedutor, mesmo que um pouco conservador. O seu corpo representa o padrão de beleza da mulher na época de Leonardo. Este quadro é provavelmente o retrato mais famoso na história da arte, senão, o quadro mais famoso, conhecido e valioso de todo o mundo. Van Gogh com seu autorretrato, é estampado na (figura 5), em um acontecido diferente para ele, sua barba feita:

Figura 5 – Autorretrato Van Gogh



Fonte: <https://santhatela.com.br/vincent-van-gogh/van-gogh-auto-retrato-1889/>

Os autos retratos sempre foram uma constante produção de Van Gogh. Existem inúmeros quadros com a sua imagem. Este registro pessoa (figura 5), produzido no final de setembro de 1889, foi pintado logo após ter feito a barba. Nesse mesmo ano, cortou parte da orelha numa das suas manifestações de grave depressão, que o levaria a suicidar-se mais tarde. Estas obras inspiraram muitos professores de artes em suas propostas de ensino na década de 80/90 no Brasil.

A legislação brasileira permite apontar o ensino da arte como um direito nas escolas de Ensino Básico. Embora a disciplina só foi regulamentada através de decretos e leis a partir do final do século XIX. Mesmo não sendo nomeadas como Arte ou Educação Artística no início, pois, eram disciplinas que tinham relação direta com a Arte, como desenho, trabalhos manuais e música foram evidenciadas na legislação e, conseqüentemente, nos currículos escolares.

Ferraz e Fusari (2009) informam que, em 1961, a campanha pela escola pública conquistou seu ápice e, em 20 de dezembro desse mesmo ano foi aprovada a Lei nº 4.024, a qual desencadeou inúmeras mudanças na educação; dentre elas, destaca-se a definição do papel do Estado na educação. O currículo foi novamente organizado, sendo dividido entre disciplinas e práticas educativas. Assim, o ensino de Arte passou a ser realizado dentro dos moldes das práticas educativas. Para Ferraz e Fusari (2009, p. 50), “Com essa nova dimensão, a arte deixa de ser compreendida como um campo preferencial de saberes sistematizados e, como as demais, torna-se uma prática para aprimorar a personalidade e hábitos dos adolescentes”. O acesso à educação foi ampliado, porém, a escola não estava preparada para receber alunos de origens sociais e culturais distintas. Para atender à demanda, foi instituído um ensino com um caráter técnico, levando a educação a um processo de decadência. As dificuldades foram inúmeras, principalmente no que se referia à formação dos professores para lecionarem a disciplina de Educação Artística.

Para a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1998), nestes trâmites, o ensino de Arte tornara-se novamente uma polêmica nacional em torno da permanência ou não de sua obrigatoriedade. Foi graças à movimentação dos professores pela criação de diversas associações para debates, a fim de encontrar formas de qualificar a disciplina no currículo, mostrando que Arte é conhecimento e possui um campo teórico específico. Nas palavras de Zagonel (2008, p. 54-55), em 1996, ao entrar em vigor a nova LDB, “o termo educação artística foi substituído por

ensino de arte e essa disciplina passou a ser obrigatória no currículo”. A Lei foi aprovada no Governo de Fernando Henrique Cardoso e apontou que “o ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996).

Concluindo este capítulo, abordo um pouco de registros importantes, através dos artistas estampados na história da arte, mesmo que alguns poucos recortes. Costuro ainda, por aqui, um pouco da luta na direção de tornar o ensino da arte obrigatório. Percorremos percursos de um tempo de trabalhos e estudos para conseguirmos as conquistas atuais, e temos que lutar sempre para não perdermos, pois, na discussão da BNCC (2018), por exemplo: o ensino da arte no ensino médio está ameaçado no sentido de perder sua obrigatoriedade. Evidencio, assim, que os registros da história da arte vêm alimentando o ensino da arte desde muito tempo, nessa direção a arte muda e o ensino da arte também deve mudar.

2.1 A ARTE MUDA O ENSINO DA ARTE TAMBÉM DEVE MUDAR

Ensinar Arte é muito mais do que simplesmente desenhar ou pintar, e isso já estamos cansados de ouvir, tanto que sabemos que Música, Teatro, Fotografia, Dança, também são Arte e, portanto, devem ser ensinadas/vivenciadas, não só nas escolas públicas, mas, também nos particulares, pois elas contribuem para o desenvolvimento do aluno. Além disso, faz com que os alunos reflitam sobre situações do dia-a-dia podem expor o que pensam através da Arte.

A Arte é algo fantástico, mas, infelizmente, muitos não sabem o que deve ter numa aula de Arte e acabam tendo uma visão equivocada sobre o assunto. Mas, por que se ensinar Arte? A Arte pode possibilitar com que o ser humano possa conhecer um pouco da sua história, dos processos criativos de cada uma das linguagens artísticas, o surgimento de novas formas de realizá-la, sempre se aprimorando no decorrer dos anos. A Arte além de integrar pessoas, faz com que elas tenham uma outra forma de se expressar, podendo através dela demonstrar aquilo que sente ou pensa, julgando se é bonita ou não. Sobre o conceito de arte, Coli traz que:

Na nossa relação com a arte nada é espontâneo. Quando julgamos um objeto artístico dizendo ‘gosto’ ou ‘não gosto’, mesmo que acreditemos manifestar uma opinião ‘livre’, estamos na realidade sendo determinados por todos os instrumentos que possuímos para manter relações com a cultura que nos

rodeia. 'Gostar' ou 'não gostar' não significa possuir uma 'sensibilidade inata' ou ser capaz de uma 'fruição espontânea' – significa uma reação do complexo de elementos culturais que estão dentro de nós diante do complexo cultural que está fora de nós, e isto, é a obra de arte." (1995 p.119)

Através da Arte é possível realizar muitas coisas, pois com ela, as pessoas podem demonstrar aquilo que sentem através de uma tela, de uma poesia, de uma música, de uma representação, de uma dança, de uma escultura, etc, podendo compartilhar suas ideias com as demais pessoas. Quem nunca ouviu um artista cantando, nunca assistiu uma peça ou um filme? Creio que a maioria já teve contato com pelo menos uma dessas manifestações artísticas.

Atualmente o ensino de Arte está voltado para as linguagens de Música, Dança, Teatro (Artes Cênicas) e Artes Visuais. Em 2008, com a aprovação da Lei Federal nº 11.769, o ensino de música passou a ser obrigatório, devendo ser ministrado por professor com licenciatura plena em Música.

A Arte está presente na vida de todos, podemos ver que ela é algo difícil de ser definido e que cada pessoa pode ter uma opinião sobre o que ela venha a ser, sem necessariamente estar errado e que quem dá o estatuto de arte para as obras são profissionais das respectivas áreas artísticas, os chamados críticos, curadores e especialistas.

Começando pela música, vimos que ela surgiu há muito tempo, quando o homem começou a bater objetos uns contra os outros, produzindo algo que não era somente um simples barulho e que a música foi evoluindo com o tempo, sendo utilizada em cerimônias religiosas e para dar prazer às autoridades (reis, por exemplo). Artes Visuais contribuem em muito para o desenvolvimento motor dos alunos, vimos que ela surgiu desde a pré-história, quando o homem escrevia nas paredes das cavernas, através de desenhos e que a mesma foi evoluindo com o tempo, assim como as outras linguagens, é através do seu ensino que o aluno aprende a construir suas obras visuais, como esculturas, fotografias, desenhos e pinturas, além de conhecer o seu processo histórico e o seu contexto, podendo assim, analisar obras de arte dos mais diversos períodos históricos, podendo visualizar melhor uma obra.

2.2 A PEDAGOGIA CULTURAL E O ENSINO DA ARTE

Transcendendo ao que o período da modernidade acreditava, a identidade é construída nas relações sociais, pela família, pela escola, pela mídia, pela religião, pelo círculo de amizades, pela música, pelas imagens e por toda rede de relações que estamos inseridos. Somos constituídos pelos aspectos culturais de nossos grupos de convivência e acabamos por reproduzir suas maneiras de agir e de pensar. Vivemos influenciados por uma identidade cultural local, perpassada por questões de nível global. Silva amplia a significação sobre a identidade ao explicar como nos tornamos sujeitos culturais:

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo... A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (1999, p.97)

As concepções sobre identidade se transformam porque são atravessadas por aspectos mutáveis ligados a idade, gênero, sexualidade, raça e etnia, classe social, religião, preferências esportivas. A necessidade do sentimento de pertencimento cultural faz com que nossas identidades se constituem conforme características do grupo social ao qual pertencemos.

Os estudos da cultura visual apresentam discussões sobre a cultura, legitimando expressões culturais até então marginalizadas e/ou silenciadas. Segundo Veiga-Neto, (2003, p.16) “Problematizam concepções binárias que distinguem alta cultura e baixa cultura, pretendem deslocar concepções naturalizadas e criar espaço para que outros olhares sobre a cultura possam ser legitimados”. Por muito tempo acreditou-se que a educação era o caminho natural para a “conquista” ou “elevação cultural” de um povo, favorecendo o entendimento de que era necessária a busca pelo modelo ideal de cultura civilizada. Dessa maneira, as discussões dos estudos sobre cultura são importantes para a resignificação de uma tradição escolar que ainda acredita e trabalha com uma suposta cultura erudita em detrimento de outras manifestações.

Silva (1999, p. 115) reforça a posição de Veiga-Neto ao afirmar que o “currículo existente está baseado numa separação rígida entre “alta” cultura e “baixa” cultura, entre o conhecimento científico e conhecimento cotidiano”. Binarismos ainda fazem parte das ações pedagógicas nas instituições escolares que legitimam aspectos formais dos conteúdos pré-estabelecidos em detrimento das vivências e experiências pessoais trazidas pelas/os estudantes. Questionar, ressignificar e criticar são palavras-chave para entender o campo da cultura visual, permeado por concepções pós-estruturalistas que compreendem que os sujeitos são constituídos no interior de relações sociais imbricadas pelo poder.

Pensar as pedagogias exercidas pelos artefatos culturais tornou-se tarefa urgente para aqueles que trabalham na educação, sendo importante perguntar: quais ensinamentos são construídos pelas narrativas dos diversos artefatos consumidos pelas crianças? O que dizem determinadas imagens, determinadas narrativas televisivas, e por que dizem? Enquanto educadoras/es, qual a nossa relação com esse universo visual construído para e sobre as infâncias?

O mundo contemporâneo presencia uma geração tecnológica que tem imagens digitais que articula, valores, intenções amalgamados na cotidianidade das pessoas. Dias (2011, p. 50) postula: “É o mundo das imagens, que expressam e definem a nossa forma de pensar e viver. ” Nesta ótica, a sociedade forja comportamentos através das circunstâncias e experiências decorrentes da comunicação imagética contemporânea, em processos que reconfiguram os imaginários, novas formas de pensar. Tourinho e Martins (2011) citam Dias para descrever esta relação com as múltiplas formas visuais nos dias atuais.

Vivemos imersos em um mundo tecnológico visual extremamente sofisticado e difícil onde as imagens que usamos no cotidiano para nossa comunicação, instrução e conhecimento transformaram-se numa mercadoria valiosa e indispensável. (DIAS, 2008 apud TOURINHO e MARTINS, 2011, p. 52)

A presença da imagem na sociedade é um fenômeno imperativo para o desvelamento de uma cultura, carregada de valores, costumes, crenças e poderes. A imagem ocupa estudos que buscam elucidar a importância da sua subjetividade e dos elementos inseridos, suas implicações, aspectos imprescindíveis na produção e interpretação imagética. Flusser (2002) conceitua a imagem como superfícies que, independente do espaço e do tempo tem a intenção de representar algo. “Imagens

são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternizem eventos; elas substituem eventos por cenas.” (2002, p.8)

Nesta perspectiva, a Cultura da Imagem: Pesquisas, Poéticas e Mediações estabelece relação imediata do homem com o mundo. E seguindo a ideia de Flusser (2002), há uma inversão das funções, o homem passa a viver em função da imagem e não imagens em função das necessidades do homem.

Martins (2007) ressalta que a cultura visual inquire a imagem como caminho ao conhecimento, que proporciona conhecer realidades do outro e ampliam as visões de mundo, deixa de ser subordinadas ao texto como ilustrativas, mas possui liberdade para alcançar a mente. Qual o papel do registro nesse contexto? Este potencial das imagens, a influência que elas exercem na sociedade, a facilidade de produção e de veiculação, exige uma pedagogia do olhar, uma educação da cultura visual. Quando registramos estamos nos fazendo ver enquanto parte deste caminhar, desta construção do sujeito que deixa marcas e conta história porque faz história. Tourinho e Martins (2011) assinalam conceitos e contextualizam a educação da cultura visual, apontam como campo de estudo transdisciplinar, que pesquisam a produção artística do passado, mas postula que seu enfoque são os fenômenos visuais atuais, em suas funções e práticas que dependem do ponto de vista de quem observa.

Seus objetos de estudo e produção incluem não apenas materiais visuais tangíveis, palpáveis, mas também modos de ver, sentir e imaginar através dos quais os objetos visuais são usados e entendidos. Consequentemente, as metodologias da cultura visual são híbridas, diversificadas, podendo utilizar elementos práticos e empíricos bem como abordagens teóricas e criativas. Como campo dinâmico, em constante transformação, a cultura visual busca a saturação do nosso cotidiano com informação e entretenimento visualmente mediados. (TOURINHO e MARTINS, 2011, p.53)

Nesse campo dinâmico da cultura, encontro Dias (2011) que ressalta que a educação da cultura visual é um conceito recente que coloca em evidência as manifestações de visualidades do cotidiano provocando práticas de “produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça”. (DIAS, 2011, p. 54). Nesse contexto, a cultura visual assume uma postura que de forma transdisciplinar estuda e investiga as imagens numa perspectiva social, com proposições que estimula a produção ativa da cultura. Um processo de agenciamento de maturação crítica e de atitude perante as visualidades.

A cultura visual é potencialmente um campo que promove práticas que enleva a imagem como mediadora. Hernandez (2006) delinea que a cultura visual é configurada como mediadora da experiência estética. A reflexão e produção visual proporcionam a compreensão e interpretação das imagens levando a aquisição de uma visão mais crítica da realidade.

O panorama contemporâneo possui condições de disseminar informações e conhecimentos através de aparatos tecnológicos, mídias que acontece virtualmente em tempo e espaços diversos. Utilizar estes veículos de comunicação e informação para produzir conhecimento, promover experiências estéticas e estabelecer processos de criação, é assumir uma nova metodologia e práticas no campo artístico.

O âmbito dessas arenas sociais está em contínuo processo de expansão. Convivemos com mídias conhecidas (fotografia, televisão e filme); mídias tradicionais (pintura, escultura e design) e, ainda, novas mídias artísticas e multimídias, como a web e o processamento digital. Juntas essas mídias veiculam imagens de informação, de arte, ciência, ficção, publicidade e cultura popular, enfatizando o papel e importância das visualidades e das mídias visuais no nosso cotidiano e na disseminação de ideias nas esferas pública e privada. (TOURINHO e MARTINS, 2011, p.52-53)

O ensino da Cultura Visual contextualiza as visualidades na vida cotidiana, buscando compreender a condição cultural e social. A avalanche de imagens e suas diversidades de circulação, os dispositivos da multimídia ampliam grandemente a visão da sociedade.

Enquanto empreendimento híbrido recém-formado pela convergência de uma variedade de teorias e metodologias, a cultura visual analisa as relações existentes entre sociedades, indivíduos e imagens. A cultura visual é a caracterização e a avaliação da produção de sentidos através do visual, como vemos, o que vemos, o que não vemos, o que não nos é permitido ver etc. – que vai além das fronteiras disciplinares tradicionais. (TAVIN, 2009, p. 225)

Dialogando com o autor, a educação da cultura visual preocupa-se em entender o processo de construções de identidades sociais em um mundo mediado pelas imagens. São experiências estéticas promovidas pelas tecnologias visuais onde há interações, interpretações e construção crítica da cultura e cotidianidade. Ao pensar o caderno de registro do professor de artes, proponho pensar essas identidades que ali surgem a partir de uma relação direta com a imagem de suas próprias narrativas. O ambiente virtual também se faz como um registro, podemos ver os facebooks,

instagrans, ou outras redes sociais que trazem registros que, muitas vezes, revelam perfis construídos a favor do que se quer mostrar sobre essa ou aquela identidade.

Ao apontarmos o ambiente virtual como campo potencial para o desenvolvimento de projetos de educação, no âmbito das visualidades contemporâneas, entram em cena as fotografias e vídeos, popularizados pelas tecnologias digitais, multiplicados, principalmente, nas mãos de jovens que, com seus aparelhos celulares e câmeras digitais, fotografam e gravam tudo à volta (...) portais de imagem fixas e em movimento, na rede mundial de computadores. Configura-se um painel de dimensões planetárias, onde pulsam micro-narrativas formuladas a partir da vida quotidiana... (MARTINS, 2009, p.112-113)

Este cenário da cultura contemporânea, é inserido no ensino das artes visuais, por meio de imagens com potencial para produzir conhecimento e experiência estética. As narrativas visuais propiciam discussões sobre significados sociais das imagens, desenvolvem a criticidade e a criatividade do educando.

Retomo aqui o problema desta pesquisa, qual seja: O que dizem os acadêmicos da licenciatura em artes da UNESCO sobre o papel do registro/ caderno de professor na sua formação e de que forma esses dizeres contempla o papel deste professor na contemporaneidade. Nessa direção entendo que para melhor compreender o papel desse professor na contemporaneidade, senti a necessidade de escrever sobre o ensino da arte e sua história no Brasil, mesmo que breve. Mas quando me remeto à cultura visual, à pedagogia da cultura visual, faço referência as reflexões que trago das discussões que traçamos nas nossas salas de aulas, em diferentes disciplinas no curso de Artes Visuais licenciatura. É desse lugar que compreendo a formação desse professor na contemporaneidade.

3 COMO ME FAÇO PROFESSOR DE ARTES?

Quase formada, quase professora, quase atuando em sala de aula. Mas como me faço professora de artes? Como sugere Freire:

Cada relação de um homem com a realidade é deste modo, um desafio ao qual deve responder de maneira original. Não há modelo típico de resposta, senão tantas respostas diferentes quantos são os desafios [...] É possível encontrar-se respostas bem diversas a um mesmo desafio. (1980, p. 37)

Assim, a formação de professores estará pautada no desvelamento dos problemas por eles enfrentados, pois para solucioná-los deve-se questionar. Pode-se fazer diferente escolhendo essa profissão? Quais os problemas que iremos encontrar no caminho? O que terá para enfrentá-los? A quem se pode recorrer para solucioná-los? Nesse processo de desvelar os problemas e buscando solucioná-los, os professores estariam mobilizados a construir conhecimentos, pois para resolver as questões da prática precisam refletir sobre os problemas que dificultam e impedem suas ações na sala, como também, buscar nos textos e pesquisas assuntos que possam auxiliar na resolução de suas questões.

A partir desse referencial, o professor estaria constituindo-se como sujeito de sua ação, sendo autor de sua prática. Essa construção é fruto de sua reflexão sobre a realidade em que está inserido, pois nas palavras de Tardif :

Os professores serão reconhecidos como sujeitos do conhecimento quando lhes concedermos, dentro do sistema escolar e dos estabelecimentos, o status de verdadeiros atores, e não o de simples técnico ou de executores das reformas da educação concebidas com base numa lógica burocrática. (2002, p. 127)

Na formação, não se separa a pessoa do ser profissional, pois no dia-a-dia da sala de aula, não basta que os professores conheçam novas teorias no campo das Ciências da Educação. Para Freire:

A conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “desvela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. Com esse olhar mais crítico, as situações de sala de aula serão visíveis e palpáveis, possibilitando ao professor desvelar o que está por trás de sua prática. (1980, p.37)

Com isso, a formação parte das condições em que se encontram a escola e os professores, refletindo sobre sua prática, escolhendo e decidindo qual ação poderá acionar a partir daí e se submetendo ou não a determinada imposição. Para Freire (1980, p. 37), são esses movimentos que nos tornam sujeitos, pois: “O importante é advertir que a resposta que o homem dá a um desafio não muda só a realidade com a qual se confronta: a resposta muda o próprio homem, cada vez um pouco mais, e sempre de modo diferente.” Nesse sentido, não será pela imposição de uma concepção pedagógica ou de um receituário de atividades que ocorrerá a mudança na prática dos professores, mas pela conscientização, colocando-se como sujeitos de suas ações pedagógicas, pois no processo de aprendizagem só aprende quem se apropria do objeto, transforma-o, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo.

Nesta perspectiva, uma formação pautada na estratégia da conscientização reflete com os professores as suas ações, as atividades e as posturas na sala de aula, respeitando e conhecendo a visão de educação/mundo desses professores, enfrentando-a e aceitando o fato de que os professores têm uma visão diferente da qual o formador vem propondo e nem por isso é pior ou melhor do que a dele.

Durante esta pesquisa, venho tomando consciência do meu futuro papel como educadora/mediadora de conhecimento. Atualmente, descubro o que as intervenções e propostas de trabalho são fundamentais para que os alunos possam avançar do patamar em que se encontram para um nível mais complexo. Que levar o registro para sala de aula, será o diferencial da minha prática, que quero ser uma professora capaz de transmitir segurança para o aluno afim de que ele consiga se expressar da melhor forma. Sei que no papel é bem diferente do que na prática, mas esse é o meu objetivo.

Percebemos que a reflexão sobre a ação pedagógica permitiu aos professores a mútua articulação entre teoria e prática, originando uma atuação voltada para a construção de conhecimento. Os saberes teóricos mesclaram-se com os saberes da prática, sendo resinificados e reinterpretados de acordo com sua realidade.

Quando penso em experiência de registro/ diário de bordo ou caderno de professor, remeto-me a lembranças do meu percurso na universidade como

acadêmica – pesquisadora que fizeram importância para a minha formação docente, e como poderá fazer diferença para meus futuros alunos. Descrevo aqui, como gostaria que minhas aulas fossem lembradas: Lúdicas, com diversas experiências, com registros, tão significativos para os alunos quanto para mim, pois fotografo muitas vezes por dia meu cotidiano, e as experiências que já tive em sala de aula, fotografei também. Quero sempre que meus alunos lembrem da professora de arte que registrava tudo e que um dia eles poderão olhar registros meus, ou até mesmo deles próprios, seja com foto ou escrita que relembrem de momentos importantes que vivenciamos juntos dividindo conhecimentos e adquirindo experiências.

3.1 O CURSO DE ARTES VISUAIS UNESC: MATRIZ 1 VESPERTINO

Para falar um pouco desse curso que abracei a quase 4 anos atrás, começo citando seus objetivos, o geral e os específicos que encontrei no PCC: O Curso Superior de Artes Visuais - Licenciatura tem por objetivo formar profissionais para o ensino, fomentando a produção, a pesquisa e a crítica em Artes Visuais. Seus objetivos são:

Desenvolver competências e habilidades para planejar e produzir criativamente, articulando ensino, produção artística, pesquisa, extensão e desenvolvimento de projetos culturais; Atuar em instituições educacionais formais e não formais, conduzindo o processo de ensino aprendizagem nos contextos e relações que envolvem a arte na contemporaneidade; Estabelecer diálogos entre a arte e a educação assumindo a função de agente multiplicador e de autoria nas ações de intervenção social que contemplem a arte; Agir com autoria e autonomia para o contínuo desenvolvimento de seu conhecimento e habilidades específicas nas linguagens artístico-culturais em especial nas artes visuais; Inserir-se no circuito artístico e cultural como artista / professor em formação, demonstrando sensibilidade e excelência na criação, difusão e recepção do fenômeno visual. (p.34)¹ 2018

O profissional licenciado em Artes Visuais, formado pela UNESC, apresentará competência para desenvolver o pensamento visual criativo a fim de atuar no amplo campo educacional e cultural que é envolvido pelas linguagens artístico-culturais e, em especial, as artes visuais. Dessa forma, estará apto a produzir e intermediar conhecimentos no campo do ensino de arte em espaços formais e não formais de

¹ Dados disponíveis em: < http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic_01-12-16.pdf> Acesso em 27 de setembro de 2018

educação, conduzindo o processo de ensino aprendizagem nos contextos e relações que envolvem a arte na contemporaneidade, contribuindo para a qualidade do ambiente de vida das pessoas. O (a) profissional licenciado (a) em Artes Visuais desenvolverá competências para:

Produzir e refletir em contextos distintos da contemporaneidade; Atuar em escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA da rede pública e privada de ensino; Interagir e produzir em diversas manifestações artísticas que propiciem e estimulem seu desenvolvimento nas múltiplas linguagens; Desempenhar suas funções em espaços não-formais de educação: instituições, fundações, secretarias de cultura, galerias, museus, ateliês, dentre outros; Desenvolver propostas críticas e inovadoras no meio artístico; Apresentar autonomia em seu processo de formação profissional de forma contínua. (2018 p.35)²

A atuação do curso, no sentido de colaborar para a formação do perfil do egresso da licenciatura em artes visuais, contemplando os objetivos citados, envolve a oferta de disciplinas em uma matriz diversificada e atualizada, trazendo estudos sobre os saberes docentes, fundamentos da arte, sobre a teoria e história da arte, Também são realizadas parcerias com escolas da rede pública (municipal e estadual), instituições de museus, galerias e outros espaços de exposição e trânsito da arte, abrindo oportunidades para experiências de estágio, pesquisa e inserção no meio artístico.

Como atividades acadêmicas complementares, existe a oferta e organização de viagens de estudo, que inclui a visita à Bienal do Mercosul e a Bienal de Artes de São Paulo, que estudamos diversos artistas e vivenciamos experiências incríveis lá, tem a apreciação estética, tanto no circuito local de arte, como nas grandes exposições e bienais. Além da realização de eventos, como a Semana Acadêmica, que propõe reflexões sobre a prática docente e o fazer artístico, por meio de palestras e oficinas.

Mesmo propondo habilitações distintas entre os cursos de Bacharelado em Artes Visuais e Licenciatura em Artes Visuais, o percurso curricular dos cursos é tecido por conexões. Entende-se que seja de extrema relevância para o licenciado partilhar a vivência poética e estética do processo criativo, assim como ter referências e enfoques constituídos pela História da Arte. Além disso, temos um núcleo de

² ibdem

disciplinas que o preparam para a prática pedagógica, uma vez que é necessário que o acadêmico tenha um tempo para um estudo aprofundado em sua especificidade (ou seja, para a formação docente), assegurando sua identidade e qualificação profissional.

A matriz curricular 1 vespertino, apresenta uma proposta que abarca possibilidades viáveis para a construção do conhecimento do licenciado, propiciando vivências em arte, momentos de pesquisa em educação e arte e de práticas pedagógicas em espaços formais e não formais de educação. O acadêmico, professor de arte em formação, constrói seu conhecimento pedagógico a partir do seu próprio fazer, pois é sobre a ação e a reflexão sobre a ação que a teoria é construída. Segundo Pimenta:

[...] o conhecer diretamente e/ou por meio de estudos as realidades escolares e os sistemas onde o ensino ocorre ir às escolas e realizar observações, entrevistas, coletar dados sobre determinados temas abordados nos cursos, problematizar, propor e desenvolver projetos nas escolas; conferir os dizeres de autores e da mídia, as representações e os saberes que têm sobre a escola, o ensino, os alunos, os professores, nas escolas reais; começar a olhar, ver e analisar as escolas existentes com olhos não mais de alunos, mas de futuros professores, é um terceiro passo que temos realizado na tentativa de colaborar com a construção da identidade dos professores. (1999, p.28)

A matriz estrutura a organização curricular do curso ao longo dos semestres e abrange conhecimentos que podem ser agrupados a partir de núcleos, como o Núcleo Teorias da Arte, que envolve as disciplinas que tratam da História da arte – desde a Pré-história até a Arte contemporânea. Enfatizo neste capítulo um pouco dos objetivos e experiências do curso, principalmente porque vou a turma da 4ª fase que tem na sua matriz 1 vespertino a disciplina de seminário IV que trabalha os cadernos de registro/ caderno de professor que se faz como campo de investigação para esta pesquisa.

3.2 PROFESSOR DE ARTES: QUE REGISTRO É ESSE?

Caminhamos por estradas diversas, a figura do professor de artes tem história, assim como estampamos em capítulo anterior quando escrevemos sobre a própria história do ensino da arte no Brasil. Nessa direção: o professor de Artes contemporâneo deve propor aos alunos práticas reflexivas entre o saber e o fazer artístico. Ele pode trazer atividades que tenham relação com os contextos presentes

e que os alunos consigam perceber essa relação com eles mesmos. Lavelberg destaca que:

Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à dos outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não preconceituosa com a diversidade das culturas. Porém, estudar tais conteúdos não deve excluir outros recortes ricos e estimulantes da aprendizagem. (2003, p. 12).

Ainda de acordo com Lavelberg (2003, p. 12), “Ensina-se a gostar de aprender arte com a própria arte”. É a partir dos conteúdos que a arte abrange e da sua própria experiência com arte, que o professor poderá criar suas práticas pedagógicas, ser autorial do seu trabalho e da sua pesquisa.

Por muito tempo a prática pedagógica foi interpretada como algo limitado, copiado, reproduzido a partir de modelos prontos. Os professores ensinavam da maneira que foram ensinados, e conseqüentemente a visão que se tinha dessas aulas, eram de aulas estagnadas. Com o passar dos anos, a prática pedagógica passa a ser refletida por muitos professores, onde eles percebem a necessidade de contextualizá-la e relacioná-la com o próprio aluno.

É necessário também que o professor compreenda que a teoria não está desvinculada da prática e que uma complementa a outra. Biasoli (2007, p. 110) nos diz que “a prática é a fonte da teoria, da qual se nutre com o objetivo do conhecimento, da interpretação e da transformação”. Logo a prática é repleta de conhecimento, e talvez iniciar uma aula de Artes pelo fazer artístico, possa trazer resultados surpreendentes para os envolvidos.

[...] o ensino dessa área de conhecimento será efetivado pela figura do professor de arte, que objetivará seu ensino no momento da sua prática pedagógica, sendo esta extremamente reveladora. Reveladora do conhecimento que ele tem dos conteúdos de ensino e do modo como esses conteúdos se transformam em ensino. (BIASOLI, 2007, p. 117).

É importante que os professores de Artes reflitam criticamente sobre suas práticas pedagógicas, e percebam se cumprem com seus objetivos diários. Por vezes

é essencial revê-las ou alterá-las, e é a partir dela, da ação do professor, que as relações entre os sujeitos se estabelecem e ensina-se arte na escola. Honorato (2015, p. 47), me ajuda a pensar, ao destacar que “[...] ensinamos arte nas escolas não necessariamente para formar artistas, mas para aproximar a sociedade da arte, da arte contemporânea em especial, formar um público sensível e apreciador da arte de nossos dias”.

3.3 A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO

Para quem ministra aulas, o registro representa muito mais que um roteiro de aula ou um roteiro de atividades desenvolvidas com a turma. Escrever sobre a prática faz pensar e refletir sobre cada decisão que foi ou será tomada, permitindo aprimorar o trabalho diário e adequá-lo com frequência às necessidades dos alunos. Ao fazer o planejamento, por exemplo, ele pode antecipar o que pretende alcançar em sala e pensar em como trabalhar com o grupo. Penso que sem essa reflexão, o docente corre o risco de estar sempre improvisando.

Já ao elaborar registros nas aulas, é possível se questionar sobre o que aconteceu em classe e identificar as conquistas da turma e os conteúdos que ainda precisam ser mais bem trabalhados. É preciso, porém, diferenciar os vários tipos de registro. Segundo o educador espanhol Miguel Zabalza (2004, p.30) "há aqueles com características basicamente burocráticas. São os que contêm apenas os temas abordados, as presenças e as faltas. Seu valor é relativo e têm pouco a ver com a qualidade do trabalho docente". Os mais interessantes são os que se referem às discussões críticas da turma, apresentam observações sobre o processo de ensino e aprendizagem, reproduzem frases dos alunos e reúnem exemplos da produção. "Ou seja, são os que permitem construir o círculo da qualidade de ensino: planejar, realizar, documentar, analisar e (re) planejar", completa Zabalza (2004, p.49).

Criar um ciclo como esse em que os registros das aulas alimentam novos planejamentos, dos quais nascem projetos enriquecidos não deve ser tarefa simples. Os registros podem ser: planejamento (atividade permanente, sequência didática e projeto didático), de classe (notas, pautas de observação e diários) e avaliação (relatórios individuais e coletivos). Alguns são mais usados, como os diários, que, pela sua flexibilidade, permitem cobrir diversos propósitos.

Enfatizo o registro em diários de aula, que iria dividir da seguinte maneira: São narrativas sobre o que aconteceu na sala de aula, tanto em relação a comentários e produções dos alunos como em relação a si mesmo (impressões e reflexões). Como objetivo: Refletir sobre o planejamento e sua adequação às necessidades dos alunos, ter pistas sobre os rumos que se pode tomar, documentar o trabalho feito com a turma e aprofundar ideias para serem usadas no futuro. Organizando da seguinte forma: Ter um caderno/ caixa/ rede social/ bloco de folhas/ reservado para o diário e escrever/ postar nele logo depois da aula, ou nos dias posteriores, para que os fatos não sejam esquecidos. O mais importante é registrar o maior número possível de dados, sempre refletindo e avaliando a prática pedagógica e não apenas listando as atividades. Uma das principais utilidades é o compartilhamento com o coordenador, com outras turmas, afim de que possa servir para pesquisa de alguém, um projeto, ou até mesmo inspiração para algumas pessoas ingressarem na universidade.

Trazendo registros aqui, nesses 4 anos, tive algumas disciplinas que estava no plano de ensino o diário de bordo e essas abordagens possibilitaram diversidade de olhares, produzindo um saber docente, assim expresso por Tardif:

O saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e identidade deles, com a experiência de vida e com a sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares (2002, p.11)

Este capítulo me faz refletir um pouco a produção dos meus registros, trago alguns exemplos de fotografias que fiz durante meu tempo na universidade, de momentos de disciplinas que me marcaram bastante:

Figura 6 – Pintura Coletiva



Fonte: Acervo pessoal

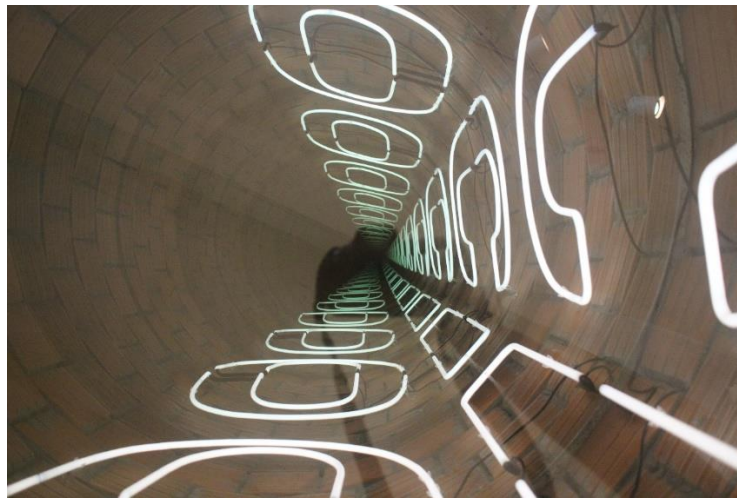
Este registro (figura 6) foi na primeira fase, minha turma. Uma pintura coletiva no Bloco E, na parede de entrada da antiga coordenação. Dias intensos e que ficarão na minha memória para sempre, com certeza.

Figura 7 - A Negra



Fonte: Acervo pessoal

Figura 8 – Reflexos



Fonte: Acervo pessoal

Imagens da segunda fase, minha primeira Bienal da Mercosul, primeira imagem (figura 7) a obra da Tarsila do Amaral, que me marcou muito desde quando estava na escola, e tive a oportunidade de vê-la pessoalmente e segunda (figura 8), me tocou, e registrei também, ainda como registro da Bienal.

Figura 9 - Releitura O Grito



Fonte: Acervo pessoal

Registro aqui na (figura 9) evidencia um trabalho feito na disciplina de composição, uma releitura de algumas obras, escolhemos O Grito, e na foto é meu

irmão Vinícius interagindo. Ele que sempre me acompanhou em meus trabalhos, na universidade e na vida.

Figura 10 - Fotografando com Luzes



Fonte: Acervo pessoal

A produção (figura 10) foi da aula de fotografia, uma produção que me marcou, pois foi nossa primeira exposição na universidade, e trabalhar com a luz, que é o que dá vida a fotografia, me deixou muito realizada com a obra final.

Figura 11 – Simplicidade



Fonte: Acervo pessoal

Figura 12 - Contra a Luz



Fonte: Acervo pessoal

Figura 13- Cores



Fonte: Acervo pessoal

Figura 14 – Memórias



Fonte: Acervo pessoal

Figura 15 – Ângulos



Fonte: Acervo pessoal

Registros das (figuras de 11 a 15) foram feitos na disciplina de fotografia, trabalhando cor, foco, ângulo, e trago em específico nessas imagens a simplicidade das coisas

Figura 16 – Entrelaçadas



Fonte: Acervo pessoal

Figura 17 - Dança Teatro



Fonte: Acervo pessoal

Esta fotografia (figura 1) é do dia da nossa peça teatral, ENTRELAÇADAS, e a (figura 17) da dança teatro, na disciplina de teatro. Momento épico da nossa trajetória.

Figura 18 - Estágio I



Fonte: Acervo pessoal

A (figura 18) do projeto com o Jardim III, no meu estágio I intitulado como “Nossa escola, lugar de diversão e aconchego”, onde citei no meu relatório final, que os alunos observaram a escola e fizeram desenho com a técnica mosaico e eles expuseram na escola com minha ajuda, complementando então o arco-íris com os filtros que trabalharam uma “mágica”.

Figura 19 - Inusitado na aula de arte



Fonte: Acervo pessoal

Já a (figura 20) é o trabalho final dos alunos no 5º Ano, Estágio I, que trabalharam retrato e autorretrato estudando Vik Muniz, arte contemporânea, artes plásticas, com o inusitado na aula de arte, trouxe então guloseimas para eles compor

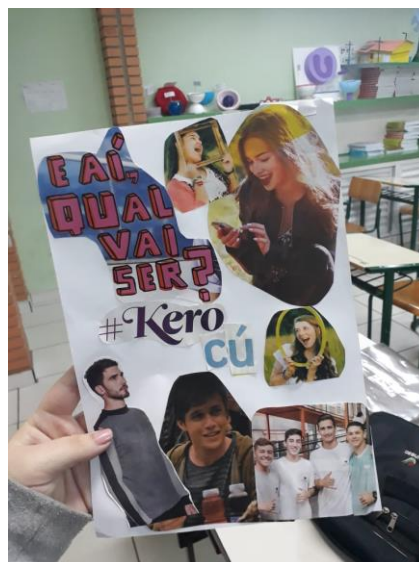
esta produção. Depois expomos na escola também finalizando a obra com a fixa técnica de cada aluno, foi um encanto.

Figura 20 - Estágio II



Fonte: Acervo pessoal

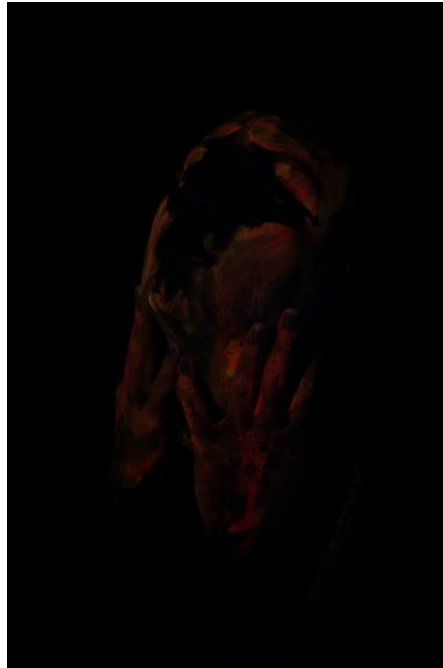
Figura 21 - Estágio III



Fonte: Acervo pessoal

Estas imagens são registros da parede da escola (figura 20) feito grafite pelo Herok, artista que levei a escola, me marcou já no primeiro contato com a escola, e a (figura 21) em uma aula no meu último estágio, o terceiro. Com alunos do ensino médio no CEDUP. Experiência da aula de colagem/ arte urbana/ lambe lambe.

Figura 22 - Corpo como tela



Fonte: Acervo pessoal

Esta fotografia (figura 22) é um registro de uma aula de performance no qual trabalhamos o corpo como tela, esse artista que há em cada um de nós, e como conseguimos nos expressar através dele.

Figura 23 - Cerâmica e Pesquisa



Fonte: Acervo pessoal

Figura 24 – Painel Coletivo Plural - Hexagonal



Fonte: Acervo pessoal

Figura 25 – Argila



Fonte: Acervo pessoal

Estes registros (figuras 23 à 25) são parte de um trabalho da aula de Escultura, agora da última fase, e também composição de um varal com fotos que irei expor na casa da cultura juntamente com meus colegas em uma exposição organizada por nossos colegas agora de conclusão de curso, que está programada para a semana do dia 16 de Novembro. Experiências dentro do ateliê, nossas vivências.

Olhando para estes registros que foram o que mais me marcaram durante meu caminhar na universidade. Quando procurei em todas as pastas registros meus feito com a fotografia, nesses quatro anos, vi que imagem sempre esteve presente, a fotografia me fala forte e se faz uma forma de registro que se completa com escritas, desenhos. Na contemporaneidade vivenciamos um mundo cada vez mais repleto de imagens virtuais, Panofsky explica que:

As imagens são parte de uma cultura e, para serem compreendidas, é preciso adentrar nessa cultura. Desta forma, a imagem pode expressar não somente uma ideia, mas toda uma concepção de mundo - as imagens devem ser compreendidas como um documento histórico. Compartilha-se com esse autor que as obras de Arte e suas imagens são vistas como documentos que, juntamente a outras fontes, se tornam importantes fontes de compreensão e análise histórica. A proposta, apesar de ser inicialmente apresentada para obras de Arte, possibilita uma análise profunda que transcende esta área e pode ser aplicada a imagens de diferentes áreas. (2007, p.50)

Com isto notei o quão potente é o nosso curso, os nossos professores, nossos ateliês e nossas experiências. Quantas coisas podemos vivenciar dentro da UNESC. No livro de Stamm e Pillotto (2007, p. 29) as autoras trazem um pensamento de Eduardo Galeano que diz:

O pai, Santiago Kodovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de tanta beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!.

E é deste modo que comecei a perceber minhas produções dentro da universidade, essa pesquisa me possibilitou olhar tudo de melhor que a arte pode trazer para a vida, para o dia a dia, para a formação acadêmica. As palavras de Galeano fizeram-me refletir sobre o verdadeiro papel do professor como mediador e

propositor de conhecimentos, não ser só uma pessoa para repassar conteúdo ou levar cópias prontas, mas sim o professor que ajuda o aluno a olhar, olhar para si.

Diariamente o ser humano é exposto a uma grande quantidade de imagens, tanto de obras de Arte quanto de qualquer outra forma. Ana Mae Barbosa (1995 apud Rossi, 2003, p. 23) diz que “a leitura de imagens prepara os alunos para a compreensão da gramática visual de qualquer imagem, artística ou não”. Digo isto para afirmar que não via minhas produções como uma obra de arte, e após essa pesquisa, enxerguei diferente e vi o quanto podemos produzir dentro da universidade.

4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES ESTAMPADA EM SEU CADERNO DE REGISTRO

Analisando o texto de Suzuki, podemos perceber o quanto essa ferramenta que é o caderno de artista, potencializa reflexões sobre a escola, a turma num geral, o ensino da arte, e a melhor forma de organizar uma aula. O material observado, ela produziu com os alunos nas aulas de artes no ano letivo de 2012. Foram páginas que revelaram olhares da educação para a mesma. Cheguei à conclusão que esse material é diferente de diário de classe, mostrou-se fértil, rico em ideias, nas descrições costuradas com reflexões, e se todos os alunos pudessem ter essa oportunidade, com certeza, teríamos mais professores-artistas. Pensando desta forma, Suzuki afirma:

Nesse momento, considerando as dificuldades e necessidades enfrentadas no chão da sala de aula, o que muitas vezes estimula ações violentas entre o sujeito do processo educativo, um movimento de resgate da humanização concretizou-se por meio do exercício com a arte. (2016, p.134)

Como Suzuki demonstra, no geral, o caderno dos alunos, representaram relatos do dia a dia, cultura, poesia, desenhos, colagens, pinturas, que sabemos que num conjunto se define a poética, um jeito do fazer. Há registros, literatura, mitologias, religião e das culturas, relatos de filmes, passeios, idas e espaços culturais. Apresentaram, para nós leitores, espaços propositivos lúdicos e que tenhamos um diálogo legal. Com o caderno de artista, o olhar dos alunos expande, criando um espaço de construção de conhecimento individual, mesmo fazendo parte de um processo coletivo. Desta forma cada aluno traça sua trajetória conforme suas necessidades ou desejos: Diários, portfólios, caderno de registro, cadernos de criação, caderno de pesquisa, entre outros que cumpre a função de despertar desafios que foge um pouco dessa rotina escolar. Além disso como procedimento metodológico, isto é, como mecanismo que viabiliza um espaço de criação e reflexão do estudante, acredito, que o seu do caderno, garante um espaço de experimentação e de registro que permite que tanto a construção de conhecimento pela arte, quanto o planejamento das aulas fiquem gravados de forma pessoal para futuras indagações.

Nos cadernos, a construção do conhecimento em arte, se deu pelos caminhos da escolha, digo pelas decisões, que precisaram ser tomadas em relação ao que fazer

e como fazer. Despertando então a ação criadora, respeitando as poéticas e valorizando a autoria de cada um. O caderno de artista contribui no processo de construção do conhecimento como instrumento e potencializa a construção do olhar na experiência da arte e educação, pois exige um empenho, dedicação, e nesse sentido, notamos o quanto é importante que o professor tenha relações que demonstrem possibilidade para o outro, o que requer uma escuta atenciosa e um olhar atento.

4.1 O CADERNO DO PROFESSOR / DIÁRIO DE BORDO

Começo esse subcapítulo com a pergunta que Suzuki me provocou: “O que os cadernos de artistas revelam sobre o processo de formação artística e que pode contribuir na formação do professor?” (2006, p.132) Citando Suzuki:

O processo de construção consciente da prática do artista-professor legitima um real envolvimento intelectual, pois se vincula à atividade criativa desde o princípio de sua formação, mantendo-se apartada das reproduções mecânicas das cartilhas de método pedagógicos e rompendo com a contraditória divisão entre trabalho intelectual versus trabalho manual. (2006, p.132)

Percebo no texto de Suzuki uma fala muito forte ainda que o professor de arte dentro da escola abandona suas produções artísticas, ou se afasta dos processos artísticos, onde nós acadêmicos eventualmente achamos que isso deveria conciliar, pensando também na educação.

Porém, pensando sobre esse processo de formação de professor de arte, o artista-professor tem a possibilidade de criar materiais poéticos na sala de aula, e aí é uma possibilidade de não desvincular essas escolhas. Além de criar materiais poético é cuidar de sua própria formação. A experiência vivenciada forma esse professor, o caderno de registro é a materialização dessa relação do sujeito professor com a arte.

Há momentos que professores se sentem profundamente cansados da sua profissão, como qualquer outro profissional, frustrado as vezes com algumas coisas que vivenciam na escola. Vejo o caderno de professor/ diário de bordo, sim, um processo de aprendizagem, criando circunstâncias para aprender, agindo na perspectiva da arte como experiência, articulando a prática e a teoria, no sentido de tecer reflexões sobre o lugar do artista professor.

Segunda Lampert (2013, p.10) “É legal que no diário apresenta conversa, situações, cartas, vivências pessoais e profissionais, reflexões sobre os livros, sobre as aulas, e que apresente também imagem e anotações”. Trata-se de um diário do professor e do artista, voltando seu olhar para o seu próprio processo criativo. Deambulação, é a realidade subjetiva da artista e a realidade subjetiva da professora, procurando encontrar então relações. Deambular, no diário de Jociele Lampert (2013, p.16) significa: “Traçar um percurso estético para revisitar de forma poética uma trajetória de vida do proêmio da atividade artístico-docente”. Com isso, quando vamos ler algum diário, procuramos entre as páginas a intimidade de quem a escreve, queremos “ouvir” do criador o que este tem a dizer de suas criações e seus processos. Acreditamos que aprendemos mais desta maneira ou nos sentimos mais próximos de quem estamos lendo.

Lampert continua: “Aliás, escrever um diário é esculpir, o olhar do sonho. Este olhar do sonho, levou a artista professora a encontrar-se com as outras cores de céu. Pois o diário nos semeia este desejo, de viver a arte como experiência. ” (2013, p.16-17). Porém, todo processo de aprendizagem, exige uma certa reflexão de si diante do conhecimento que foi apreendido, mas nem sempre o que desejamos se torna “real” de imediato. As experiências que compartilhamos, que levam todos a refletir sobre sua prática artística, tornando-se conhecimento e ganhando consciência. Para continuar as deambulações que Lampert cartografou, seguindo na direção de construirmos nossas experiências atuais trago a fala dela que:

O que reverbera do diário é uma busca incessante por uma experiência estético-artística orgânica que tem vida, que acredita nos sonhos longínquos, nas relações de aprendizagem com foco e responsabilidade, na seriedade e na ética humana. Esta é a Arte presente e experienciada no diário de artista e diário de professor. (2013, p.17)

Como Lampert desejava afastar-se do tom científico e impregnava seu texto após anos dedicados a pesquisa. Queria encontrar uma nova voz para o novo momento, uma voz pessoal e modulada pelo fluxo do trabalho no ateliê. Creio que é assim que os diários têm que nascer. Observando e aceitando que tudo muda, como conclui Lampert (2013, p.18) “Aqui no Sul, o vento toma direções inesperadas, que as tardes podem ser mais frias do que as manhãs. As noites, mais quentes do que os dias; que os afetos e as condições são variáveis segundo o fluxo da vida”. Não há

conhecimento nem língua absolutos. Eu particularmente, nunca conheci alguém que mantivesse um diário de bordo. Na essência, ele é um documento. Mas assim como ele é útil para os “marujos” fazerem um registro dos acontecimentos mais importantes do dia, também pode ser muito valioso para nós, leitores. Me dei conta disso pela primeira vez lendo o diário de Lampert. Fui me aprofundar no tema e segundo o Site El Hombre³ vi que: “Andy Warhol, Ernest Hemingway, Kurt Cobain, George Lucas, Thomas Edison, Beethoven, Leonardo da Vinci e outros gênios também faziam registros dos seus cotidianos”. Não é possível isso ser uma coincidência, né? Se eles todos faziam, é porque tem alguma coisa aí.

Mas, sobre o que escrever? As possibilidades são muito maiores se você abrir ou estiver aberto para elas. Para Lambert, temos alguns tópicos como: **TER IDEIAS:** A nossa memória é bem limitada. Uma ideia que você teve hoje, se não for colocada logo em prática, provavelmente será esquecida em poucos dias. Ao manter um diário de bordo, é possível registrar pensamentos que merecem a sua atenção futura. **CONQUISTAS:** Enquanto as nossas falhas e erros, que são algo natural da vida, ficam vívidas em nossa lembrança por muito tempo, é fácil esquecermos das conquistas. Relembrar os nossos acertos é ótimo para a autoconfiança. **OBJETIVOS:** Ao anotar os seus objetivos e planos, a chance de você concretiza-los é bem maior. **TAREFAS:** Ter uma lista de tarefas é algo que ajuda (e muito) a organizar a nossa vida. O diário de bordo é um lugar perfeito para gerenciar seus afazeres. **APRENDIZADO:** Escrever as coisas ajuda no aprendizado, especialmente se for a mão, pois obriga você a se focar no pensamento. Sendo assim, você pode anotar as lições relevantes adquiridas ao longo da vida e revê-las sempre que quiser. Isso sem contar que manter um diário de bordo creio que traz alguns benefícios como reduzir o estresse, desenvolver a criatividade e melhorar a capacidade de comunicação.

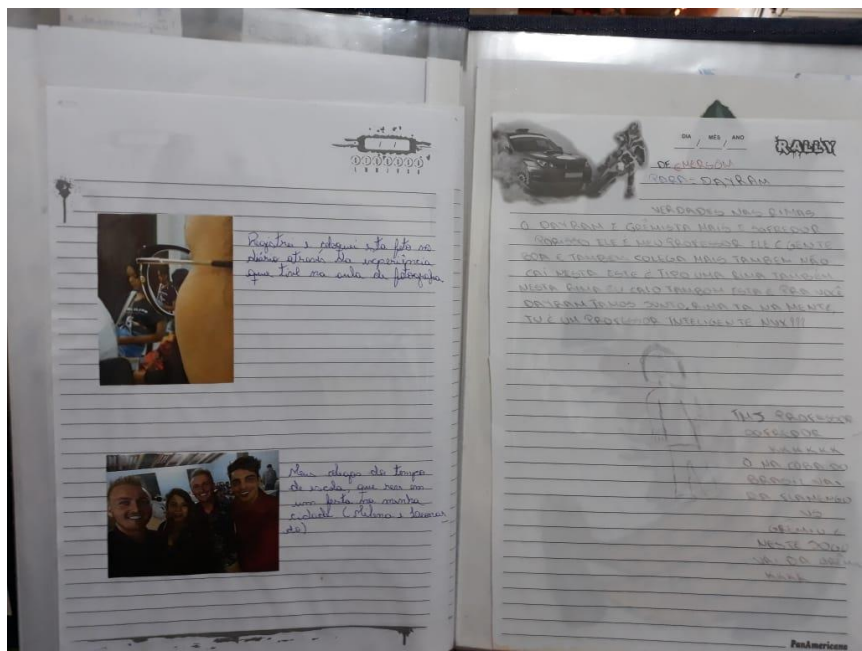
Mas, como adotar o hábito? O ideal é manter o diário de bordo sempre ao seu lado, para não deixar os pensamentos importantes do dia passarem batido. Você também pode reservar algum momento do dia, por exemplo antes de dormir, para rever as anotações do dia e acrescentar o que achar mais necessário. Portanto, não tenha medo de colocar seus pensamentos no papel. O registro é importante.

³ Disponível em: <https://www.elhombre.com.br/por-que-todo-homem-deveria-fazer-um-diario-de-bordo/> . Acesso em: 17 de out. de 2018

4.2 O QUE DIZEM OS ACADÊMICOS SOBRE SEUS REGISTROS?

Como citei na metodologia, tive contato com quatro acadêmicos, Dairan Selau, Bianca, Francine Nazário e Renata Wadocha, no qual enviei algumas perguntas e obtive respostas imediatamente. Então, trago o questionamento sobre como o acadêmico lida com a produção do seu diário de bordo, vem as respostas com tanto carinho dessa produção. Dairan Selau falou carinhosamente que: *“A forma que eu lido na produção do meu diário é através de atividades feitas na universidade e vivências do meu estágio, (cartinhas de alunos, atividades especiais sobre o conteúdo)”*. Como podemos ver nas imagens (Figuras 26 e 27), carta de alunos, informações pessoais, e suas vivencias na universidade.

Figura 26 - Diário do Dairan 1



Fonte: Acervo pessoal

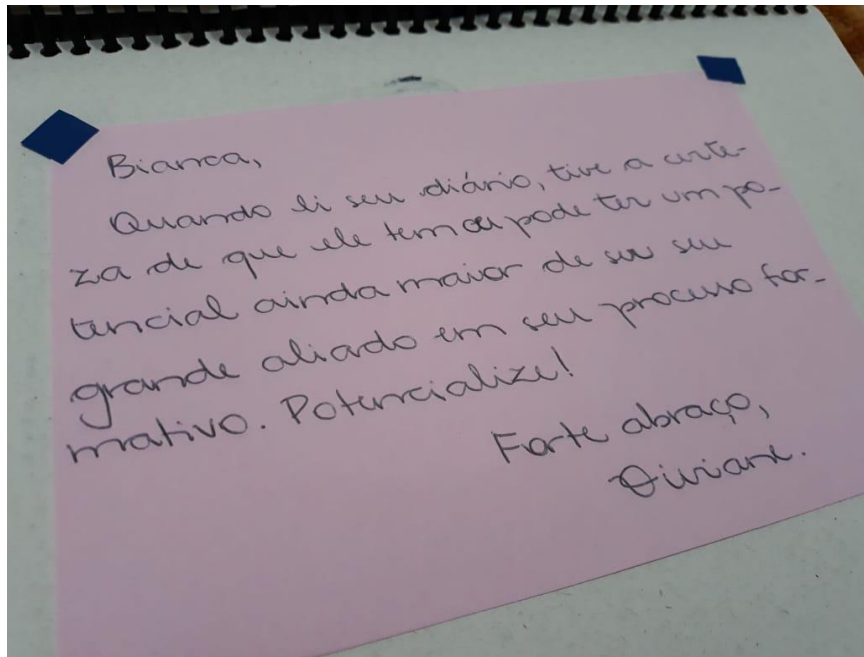
Figura 27 - Diário do Dairan 2



Fonte: Acervo pessoal

E Dairan continua a falar: *“Isto contribui para os debates dentro de sala de aula, pois lidando com alunos diariamente conseguimos em certas ocasiões relatos para uma conversa junto com a turma”*. Já a Bianca disse: *“Ah na maioria eu coloco coisas que são significativas para mim, falas de algumas professoras. Algum momento legal, palestras em geral e oficinas. Algo entre amigos e colegas também”*. Trago abaixo as imagens (figura 28 e 29 e 30) da sua produção, da parte que mais me marcou entre os outros colegas, em cada fim de semestre, exatos três que já se passaram, as avaliações do seu diário, e cito aqui a fala da professora Viviane, segundo seu diário *“Quando eu li seu diário, tive a certeza de que ele tem ou pode ter um potencial ainda maior de ser seu grande aliado em seu percurso formativo. Potencialize!”* Como cito então na (p. 50) desta pesquisa, Segundo Lampert (2016, p.10) *“É legal que no diário apresenta conversa, situações, cartas, vivencias pessoais e profissionais, reflexões sobre os livros, sobre as aulas, e que apresente também imagem e anotações”*. Temos a oportunidade de vivenciar tudo isso no diário de Bianca, e ainda sendo tocados pela escrita da professora.

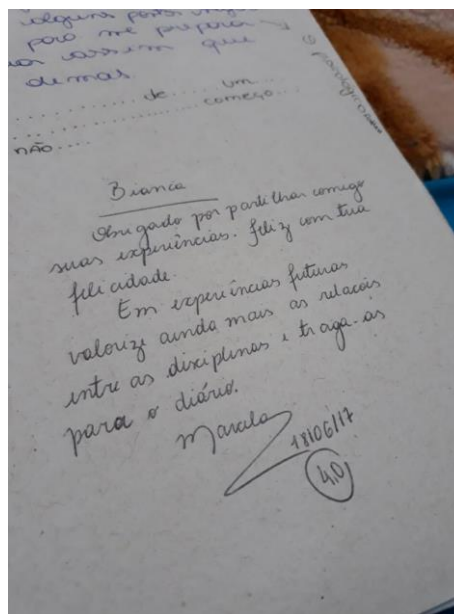
Figura 28 - Diário de Bianca 1



Fonte: Acervo pessoal

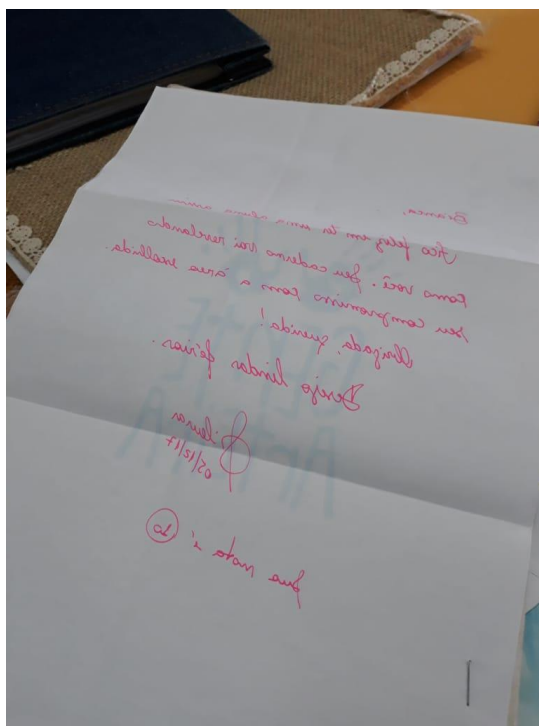
Acima, temos a imagem da citação de Viviane no caderno de Bianca, uma parte de sua avaliação na disciplina, que se torna muito significativo para o aluno, e seus registros.

Figura 29 - Diário de Bianca 2



Fonte: Acervo pessoal

Figura 30 - Diário de Bianca 3

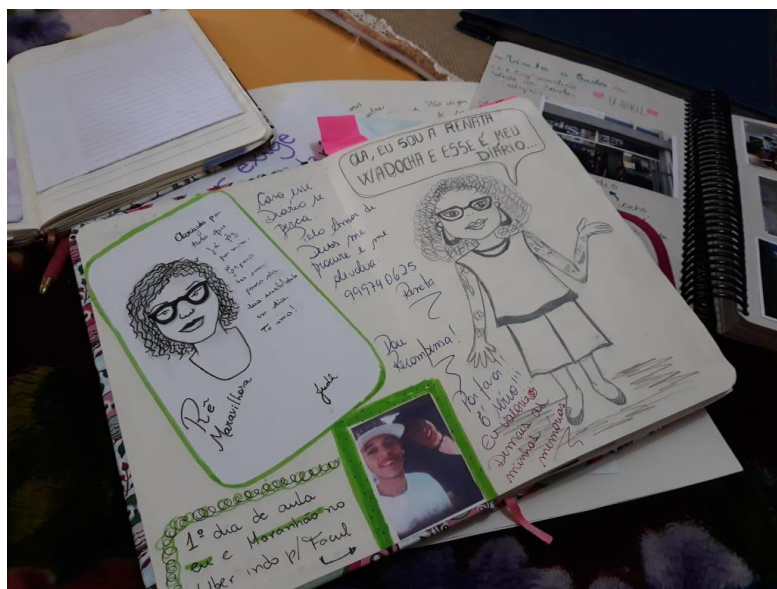


Fonte: Acervo pessoal

E Bianca afirma: *“Acredito que estes registros contribuem bastante, pois gosto de voltar e ver as coisas da primeira fase é legal ver que algumas coisas mudaram. É material de referência também quando eu for professora. Ideias e minhas experiência também. Amo memórias kkk”*. E também tem os ciumentos, no caso da Renata Wadocha, já começou falando que ama seu diário e sente muito ciúmes, inclusive na sua primeira página está escrito: *“Caso este diário se perca... Pelo amor de Deus, me procure e me devolva, coloca seu número de telefone e insiste em falar: Dou recompensa! Por favor!! É Sério!!! Eu valorizo de mais minhas memórias”*. Para conversar com essa fala trago uma citação de Mario Quintana *“Memórias: Em nossa vida ainda ardem aqueles velhos, aqueles antigos lampiões de esquina. Cujas luz não é bem deste mundo... por que, na poesia, o tempo não existe! Ou acontece tudo ao mesmo tempo”* (1990, p.01). E então ela me responde falando: *“Eu amo o meu diário, inclusive tenho muito ciúmes deles. Eu faço exatamente um diário, escrevo como se eu tivesse falando com ele. Uso para relatar momentos, frustrações, animações, motivações... coisas que quero fazer, ou que quero ser quando for professora. Uso ele como uma forma de registro da minha vida acadêmica, do desafio que é”*. Como podemos analisar nas imagens a baixo (Figuras 31 e 32) É exatamente o que ela traz

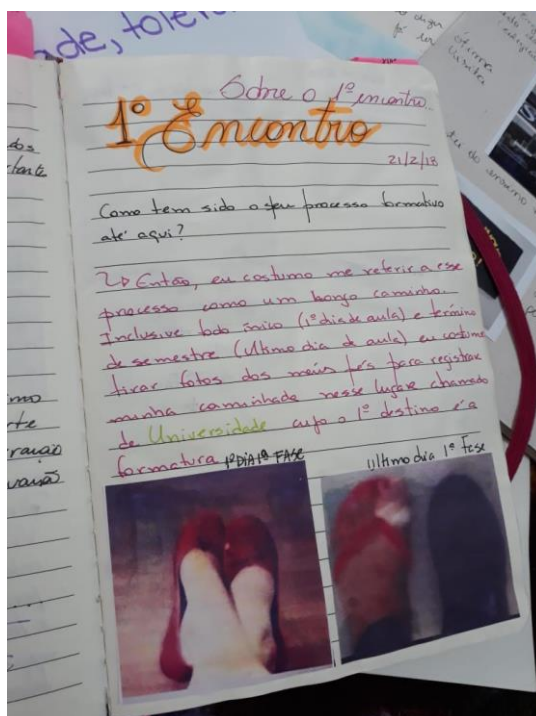
na sua fala, ela traz muitas coisas da sua vida pessoal e acadêmica, mas logo na (figura 33) ela traz uma carta colada na capa do caderno, indicando que só irá abrir dia 31.12.2018. Agora fica a dúvida: O que há nessa carta?

Figura 31 - Diário de Renata 1



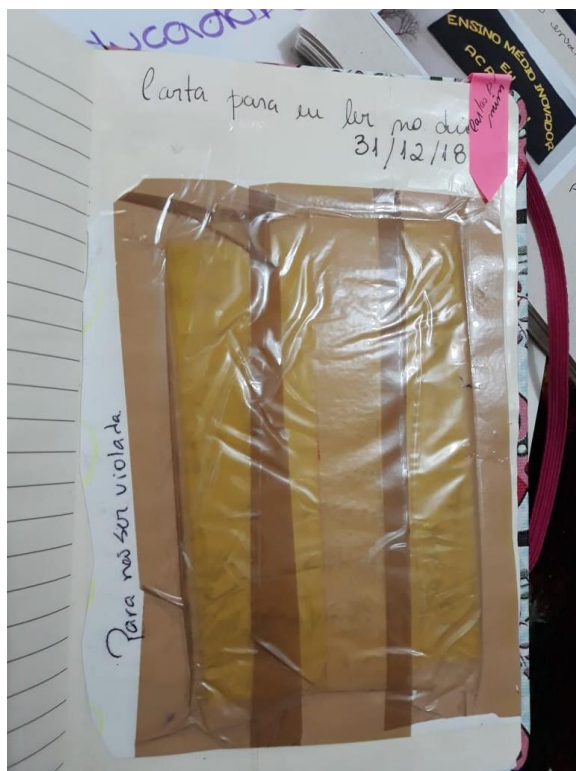
Fonte: Acervo pessoal

Figura 32 - Diário de Renata 2



Fonte: Acervo pessoal

Figura 33 - Diário de Renata 3

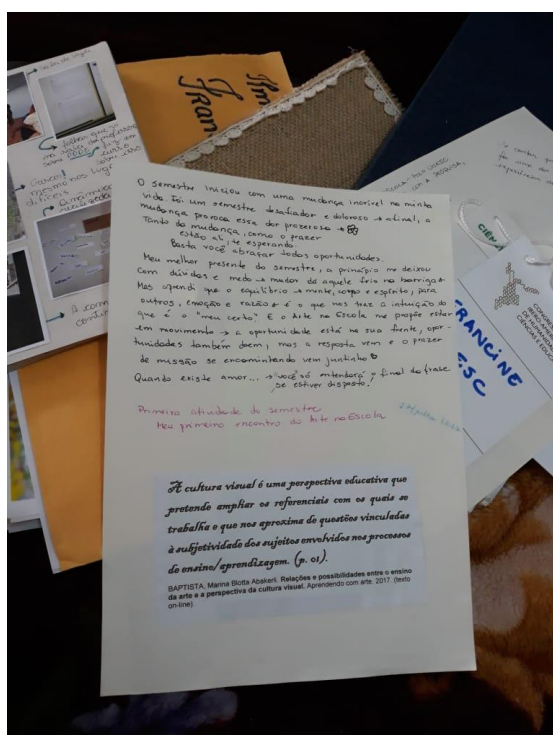


Fonte: Acervo pessoal

Logo, Renata afirma com suas falas: *“Na minha opinião, ele vai me ajudar muito, na real ele já me ajuda. Às vezes eu fico desmotivada com alguém ou alguma coisa vou lá, folheio um pouco e já dá para perceber que já superei muito mais e esse é apenas mais um obstáculo. É o meu maior psicólogo da vida acadêmica”*. Já complementando na escrita da Francine Nazário, vem a fala de que a Renata falaria muito bem do seu diário. Francine traz: *“Então, geralmente vou anexando minhas atividades que entendo fazer parte da minha formação de professora. Algumas parecem não fazer tanta relação com a licenciatura, mas são vivências que me tornam um ser humano - do que considero - melhor, mais sensível, compreensivo e tudo isso - além disso - fazendo parte da minha construção humana, respinga significativamente no “ser professor”. Neste caso, são inúmeros momentos que fazem pensar em uma aula ou uma fala... E muitas coisas que dão este “insight”, são situações rotineiras, por isso considero importante e registro momentos de arte ou aleatórios, mas que me (re) constroem o tempo todo. É engraçado, porque não tenho uma regra, na verdade é um dos momentos que quebro as regras. Não existe ordem cronológica, porque as vivências são minhas e cada vez que revisito, mudo a ordem de alguma coisa e*

mesmo sabendo e rememorando com a ordem cronológica. Não gosto de um diário padronizado de tamanho, modelos, cores e folhas fixadas - não me representa em nada, algo padronizado. O primeiro diário existe construção de suporte para anexar essas vivências e talvez até um certo padrão. Os outros já explodem vivências acadêmicas, principalmente no suporte e pode até parecer desleixo - tanto faz - para mim, são as minhas experiências e a necessidade de expor o que foi tocante, marcante na minha vida acadêmica naquele semestre - em especial o Ibero e depois do Ibero passou a ficar claro, mas confesso que penso no que poderia ser o meu "suporte", mesmo não sendo algo que ainda me incomode". Nas figuras abaixo (figura 34 e 35) trago os registros de Francine, que foram diferenciados de todos os outros. Quando ela cita na resposta que eventis na universidade mudou conceitos sobre o pensar, trago a imagem de crachás que fizeram parte desse percurso na universidade. Segundo Baptista: "A cultura visual é uma perspectiva educativa que pretende ampliar os referenciais com os quais se trabalha o que nos aproxima de questões vinculadas à subjetividade dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino/ aprendizagem (2017, p.01). Essa citação retirei do seu próprio diário, a Fran traz muito sobre cultura visual nos seus registros, logo, conversa muito com minha pesquisa.

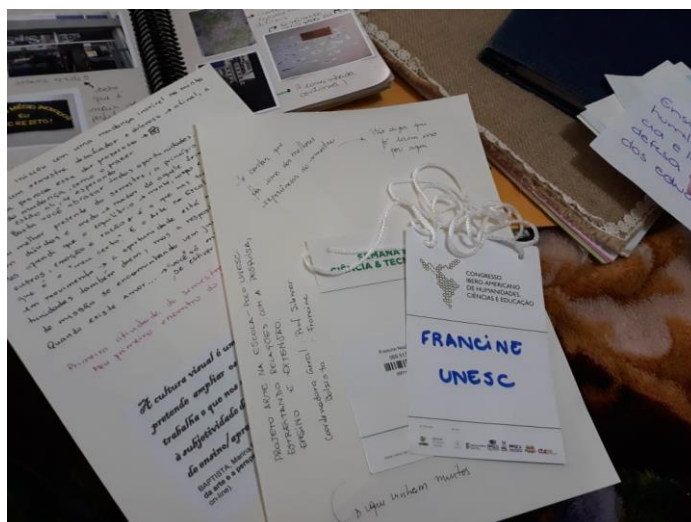
Figura 34 - Diário da Francine 1



Fonte: Acervo pessoal

Acima a imagem de algumas de suas produções no seu diário, com a citação de Baptista que retirei, Francine consegue expressar-se de uma maneira muito parecida com a minha, no meu ver.

Figura 35 - Diário da Francine 2



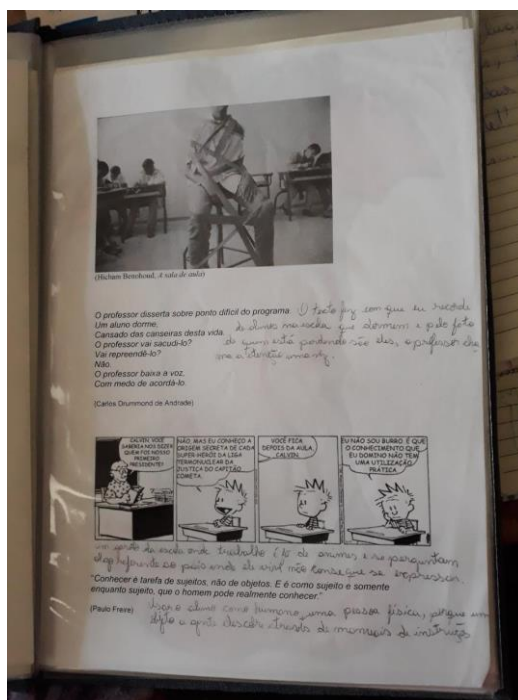
Fonte: Acervo pessoal

E a acadêmica Francine conclui dizendo: *“A parte mais importante é o final de cada semestre a revisitação dos outros diários - muito mais do que no início do semestre que pedem na disciplina de Seminário Temático para apresentarmos nossos diários do semestre anterior, porque naquele momento os acontecimentos ainda estão frescos e no final do semestre são inúmeras novas experiências e (re) experienciar o semestre anterior com as novidades fica mais impactante. É importante porque o novo se alia ao não mais tão novo e temos ideias inusitadas. É importante porque o registro cria marcos que se fazem culturalmente importantes para as pessoas, então faz parte da gente. Nunca tive o hábito de registrar, tanto quanto o faço agora, hoje até meu Instagram são meus diários de bordo na parte dos destaques de stories relacionados a minha formação - principalmente a minha formação - e pastinhas nas coleções dos salvos e é muito bacana revisitar estes espaços”*.

Entre os questionamentos que fiz com os acadêmicos, um deles foi o quão potente pode se tornar este registro daqui alguns anos, logo Dairan já veio com a resposta concreta de que: *“Podemos relacionar como era a educação de hoje, com a que a gente irá enfrentar quando estivermos aptos para lecionar em sala de aula”*. Podemos então, observar isto no seu caderno, na (figura 36) que ele traz a fala em

seu diário: “O texto faz com que eu recorde de alunos na escola que dormem e pelo fato de quem está perdendo são eles, o professor chama atenção uma vez”. E logo abaixo vem uma frase de Paulo Freire para concluir seu pensamento na mesma página de seu diário, que diz: “Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer”.

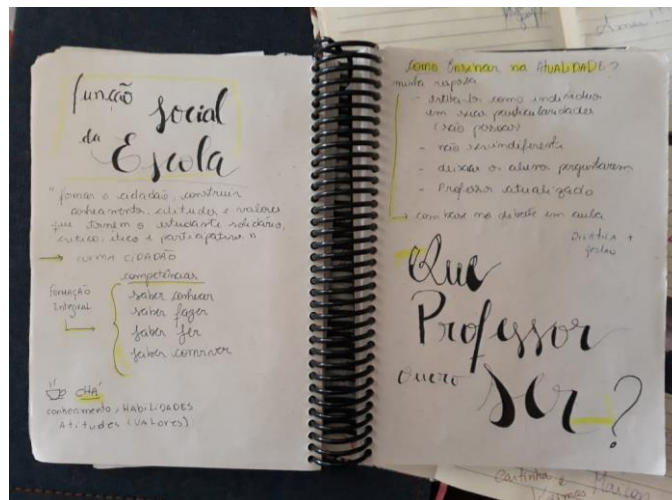
Figura 36 - Diário de Dairan 3



Fonte: Acervo pessoal

E Dairan conclui “*Tem que registrar de alguma maneira para lembrar das atividades feitas, sendo através de fotos, de atividades feitas nos ateliês, entre outras*”. Já a Bianca quando traz sua fala de o quão potente pode se tornar este registro daqui alguns anos, de que: “*Acredito que muito potente, pois como falei é um material de referência, e também uma motivação de uma formação continuada. Pois as coisas sempre mudam*”. Como podemos observar na imagem (figura 37). É o pensamento dela hoje no ano de 2018, qual a função social da escola e que professor ela quer ser, e daqui 4 anos. Será a mesma ideia? O Registro, é exatamente importante para isto, recordar momentos e ver seu avanço.

Figura 37 - Diário de Bianca 4



Fonte: Acervo pessoal

E ela conclui falando: “Bah não sei é tão bom registrar assim. Talvez tentando lembrar que é difícil para mim, por que as vezes sou bem esquecida kk”. Já para a Renata, a pergunta se ela acha que estes registros se tornarão potente, ela responde: “Muitoooooooo eu não tenho dúvidas que vou levar esses 4 diários (1 por ano) para minha vida. E pretendo não parar. Hoje tenho um para registro do PIBID também. Acho muito importante para o crescimento, e como citei para não cometer erros já cometidos”. Observamos então (figura 38) seu registro e percebemos que é uma peça de teatro, colou estas lembranças e escreveu sobre. Como ela lembraria daqui dez anos se não tivesse registrado? Por isso que ela afirma no início que não tem dúvida do quão importante.

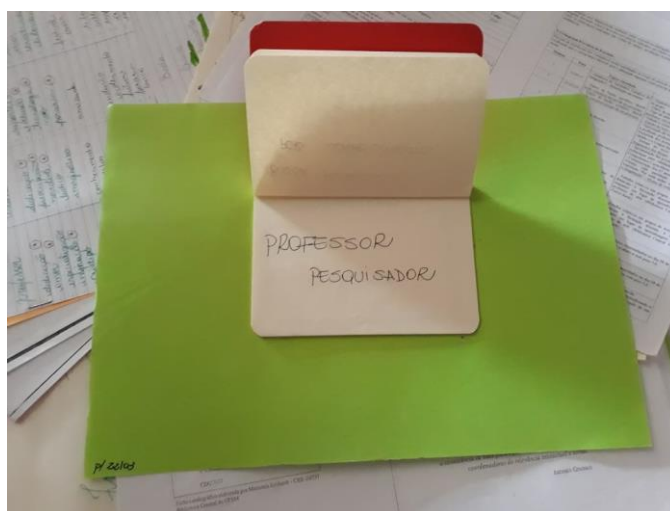
Figura 38 - Diário de Renata 4



Fonte: Acervo pessoal

Renata continua a relatar de como ela lembraria se não fosse registrando: *“Apenas na mente, e no coração. Já estive aqui dentro por 2 anos e meio (metade da faculdade de direito) e as vezes olho para alguns locais e tenho lembranças, mas penso que se tivesse feito um diário seria muito importante, legal, divertido. Toda essa nostalgia”*. Então, Francine se atem a falar do quão potente pode se tornar este registro *“Nossa, acredito que se já se faz importante hoje, daqui anos muito mais. Para ver meu crescimento, para ver o que era legal e deveria voltar a fazer, para perceber que tinha algo que não achava bacana, mas me percebo fazendo, auto avaliação. É difícil falar do futuro em seus mínimos detalhes”*. Como podemos ver (figura 39) Francine se vê como professora/ pesquisadora e registra em um livro dentro de seu portfólio.

Figura 39 - Diário de Francine 3



Fonte: Acervo pessoal

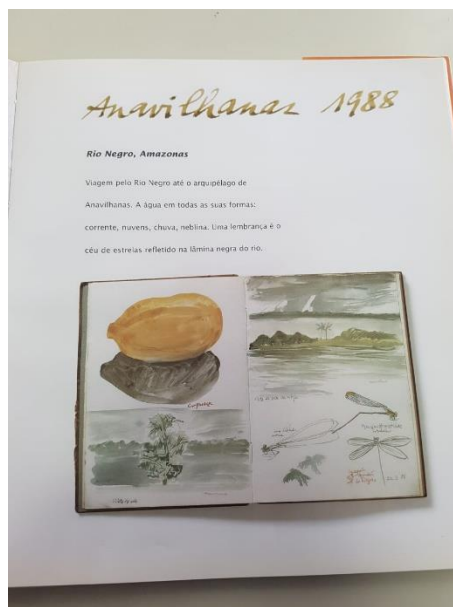
Quanto ao questionamento de como você recordaria dos seus momentos na universidade, se não registrasse de alguma maneira, ela continua a falar: *“Então, existem diversas formas para isso. Mas como já mencionei, nunca fui a pessoa do registro. - A Renata deve ter escrito 20 páginas falando de registros. - mas com esses registros vai ser diferente, me recordo de coisas aleatórias e específicas de outros situações de estudo - escola, faculdade, cursos... - talvez coisas de aprendizado dos espaços. Mas não sei dizer, porque Artes já mudou muito a minha vida; já serão diferentes as lembranças pelo contexto. Mas ali no diário existe a minha (re) construção como um ser sensível, humano, empático, criativo”*.

Em cada uma das escritas reflexivas feitas pelo acadêmico/ professor em formação, há elementos para que ele cresça como profissional e melhore seu desempenho. Esta é uma das mais importantes funções do professor que orienta o aluno numa escrita: enxergar as conquistas e as dificuldades que cada um enfrenta em sala de aula para escolher a melhor maneira de orientá-los. Pensando nisso, trago ligações com os cadernos que observei dos alunos da quarta fase, o que esses cadernos trouxeram para eles, através das respostas acima. Esclarece Zabalza sobre os diários ou caderno do professor:

Eles podem ser documentos pessoais para descarregar as próprias tensões; um instrumento de observação, que sirva de espaço para documentar as situações interessantes que ocorrem em classe; um dispositivo que auxilie no planejamento do trabalho do professor com o projeto educativo em vigor; ou um recurso de investigação para analisar os dados que se queira estudar. (2004, p.30)

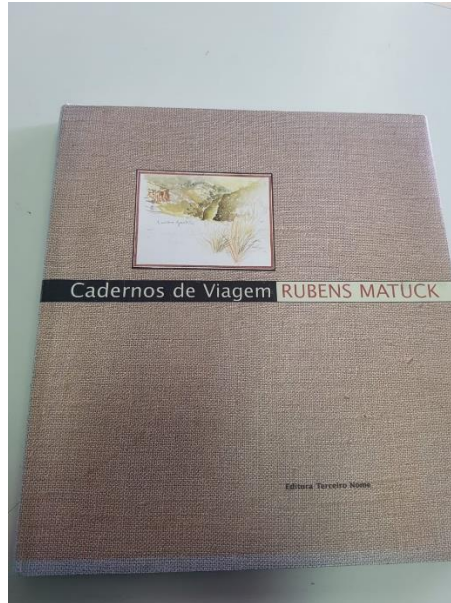
Remeto-me a lembranças consideráveis a citar algumas imagens, trazendo as experiências de Rubens Matuck (2003), trago o registro de seu caderno, onde ele trabalha como diário de bordo e registros.

Figura 40 - Rubens Matuck 1



Fonte: Rubens Matuck 2013

Figura 41 - Capa de Seu Livro



Fonte: Rubens Matuck 2013

Me inspiro nessas imagens para construir a minha capa, onde cito no próximo capítulo. Considerando os registros aqui evidenciados e as possibilidades de reflexão que esses possam fomentar, nessa direção apresento a seguir as considerações desta pesquisa.

Observando o Livro Cadernos de Viagem de Rubens Matuck (2013), há algo que me chama atenção na sua capa, me inspiro nela então para fazer a minha capa. Nos cadernos de Matuck há muitos tempos, ele é feito de experiências, contendo imagens de cadernos etc. Minha orientadora foi em uma viagem em São Paulo, viu o livro logo fotografou me enviou e foi onde me inspirei.

5 CONSIDERAÇÕES

Considerando o que desencadeia essa pesquisa, as questões que fomento no sentido de melhor compreender a relação ensino aprendizagem a partir da área de artes. Retomando o problema de pesquisa, qual seja: **O que dizem os acadêmicos da licenciatura em artes da UNESCO sobre o papel do registro/ caderno de professor na sua formação e de que forma esses dizeres contempla o papel deste professor na contemporaneidade**, costuro um dizer sobre as possibilidades de respondê-lo, mesmo que parcialmente.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como vejo meus registros na universidade, e me enxergo como professora em formação/ acadêmica/ pesquisadora, olhando para meus registros, para meu percurso, que inclui minhas mudanças notando pontos positivos e negativos. Analisei um pouco da trajetória do ensino da arte, conhecendo alguns pontos que não conhecia. Pesquisei também sobre a cultura visual, falando de imagem e seus nichos. Parei para pensar/ pesquisar também, como me faço professora de artes, e qual este papel, vi realmente a profissão linda que vou seguir. Com isso, pesquisei também sobre o curso de artes visuais UNESCO, coisa que nunca tinha feito nesse tempo dentro do curso, e nem antes de entrar na universidade. Confesso que foi bacana todo o percurso da pesquisa, mas o que mais me encantou foi a pesquisa sobre os cadernos de registro/ diário de professor, lembrando que era realmente o foco deste desafio. Falar também da importância do registro e ver que muitos artistas já utilizavam há anos atrás e que muitos autores pensam por esse caminho, me fez enxergar a importância dele para minha vida profissional e pessoal.

Além disso, também permitiu uma pesquisa de campo para obter dados mais consistentes sobre as etapas do processo, o encontro com os acadêmicos e o recolhimento dos cadernos para a análise, que concluo com o pensamento de que: Sim, o papel do registro na formação do professor é importante, é algo novo, é algo

que potencializa, e sim, contempla o papel desse professor na contemporaneidade, concluindo então meu pensamento e respondendo meu problema. Como cito na (p. 51) Segundo Lampert (2013, p.10) “É legal que no diário apresenta conversa, situações, cartas, vivências pessoais e profissionais, reflexões sobre os livros, sobre as aulas, e que apresente também imagem e anotações”. Trata-se de um diário do professor e do artista, voltando seu olhar para o seu próprio processo criativo.

Afirmo isso perante a resposta dos acadêmicos e minhas pesquisas fundamentadas. Quando comecei a ler os relatos, fiquei imensamente feliz, pois estudar um semestre sobre o registro, a importância do registro na formação do professor, sobre a matriz 1 vespertina do curso de Artes Visuais – UNESCO que tem estes registros como parte das disciplinas, e ver que no fim, tudo valeu a pena, que o que eu penso sobre minha pesquisa, se materializou com meus registros destes cadernos, faz a gente ter força para encarar nas próximas fases da minha vida, momentos que não esperamos ter, mas que sabemos que teremos, e também botar em prática tudo o que pesquisamos. Gratidão por este registro que concluo.

6 PROPOSTA DE CURSO

1 TÍTULO DO PROJETO: OFICINA DE CADERNO DE REGISTRO:

Experimentando o seu olhar poético no cotidiano acadêmico.

2 INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA FUNDAMENTADA TEORICAMENTE

A fotografia é um registro que utiliza meios materiais, o equipamento fotográfico para contar uma história ou transmitir uma ideia que se tem de algum lugar, assunto, pessoa, enfim, uma forma de concretizar o que nosso pensamento e o nosso olhar selecionam e captam através da luz, em situações diversas. Gutierrez (2002, p. 66) afirma que: “na etapa de caminhar e compartilhar juntos, a empatia desempenha um papel essencial”. Se questionar-me porque fotografia, para mim, que sou fotógrafa a 7 anos, trabalho com isso e me encanto cada dia mais. Fotografia é transmitir informações é compartilhar histórias com diferentes objetivos. Quando fizemos um registro com uma câmera, nosso interesse é registrado e a partir daí podemos guardar informações que foram marcantes, ou que despertaram curiosidade, tornando-me mais potente.

Porém, sabemos que para criar um caderno/ diário não são apenas fotografias, temos escritas, poemas, avaliações e diversos relatos de experiência.

No decorrer da oficina, o desejo de fotografar quero que se torne prioridade de todos, pois boa parte da turma talvez ainda não tivera a oportunidade de fotografar. Quero que esta atividade proporcione às alunas e alunos uma nova visão do que é o registro e por que registrar, que passe a ser visto não apenas como extensão de seus saberes, mas como uma experiência viva e repleta de sentidos, onde buscam não só a aprendizagem através da escrita e da leitura, mas também através de partilha das experiências vivenciadas no cotidiano.

As experiências que descrevo aqui me fazem pensar no conceito de experiência trazidos por Larrosa (2002, p. 21), que nos diz que a experiência é “O que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Ou seja, a experiência é aquilo que vivemos, que nos transforma, nos move.

Além de essa experiência trazer oportunidades que aos alunos. O processo de construção de conceitos diversificados possibilitará aos alunos/as aprofundarem-se nos vários campos do conhecimento, despertando para a valorização e importância das relações que são estabelecidas com o outro/outra no ambiente escolar. Vio Grossi (in Gutierrez, 2002, p. 42-43) ressalta apropriadamente a esse respeito: “O desenvolvimento de relações significativas tem a ver com a capacidade de todo ser humano de mobilizar sua sensibilidade, imaginação criadora, sua intuição, suas energias afetivas, seu amor...”.

A fotografia é uma das linguagens artísticas mais usadas na atualidade. Os avanços no campo têm contribuído para a popularização da aquisição dos equipamentos e conseqüentemente, dessa arte. Então, que instigue muito a usar a fotografia como ponto principal de seus cadernos.

Pode-se afirmar que esta experiência contribuirá para a melhoria da autoestima dos/as alunos/as, uma vez que boa parte do grupo ainda não tivera a oportunidade de fotografar. Contribuiu também no sentido de valorização da produção individual e do grupo, que passou a perceber o meio ambiente não só do ponto de vista natural, mas como local de relações humanas, ainda que se trate de ambiente construído

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Possibilitar aos alunos a experimentação da linguagem artística da fotografia, utilizando-se de diferentes suportes para a produção, finalizando a experiência com um caderno de registro, onde possam fotografar os momentos significantes de sua trajetória, como também promover a valorização desse espaço como ambiente de convívio social.

3.2 ESPECÍFICOS

- Conhecer a fotografia como linguagem artística;
- Apropriar-se do ambiente sala de aula como suporte para os registros;

- Protagonizar seu projeto, criando seu caderno de registro

4 PÚBLICO / COMUNIDADE-ALVO

Este trabalho será uma experiência desenvolvida com alunos e alunas do curso de Artes Visuais UNESC.

5 ESTRATÉGIAS DE AÇÃO / METODOLOGIA

Penso em 4 encontros de 3 horas e meia cada encontro, até para não ficar cansativo e ser algo prazeroso. Teremos muitas conversas em cima de:

- Como fotografar? (Com a ajuda do equipamento fotográfico disponível.)
- Você sabe o que sua câmera possui? (Manusear seu aparelho)
- O que fotografar? (Questões a partir dos interesses dos alunos.
- Por que quero fotografar? (Para ajudar a resolver um problema, focar na escola diretamente).

No primeiro encontro:

Começo com uma sucinta história da fotografia, e como ela tem muitos nichos, trago alguns exemplos do meu portfólio impresso, porém, vamos focar em apenas 3, para sermos mais objetivos: Enquadramento, Luz, Foco.

Para falar de enquadramento trago os tópicos:

- Está relacionado ao posicionamento do fotógrafo com a cena escolhida.
- A seleção dos elementos que deverão compor a imagem.
- A escolha da orientação da câmera, no sentido vertical ou horizontal.
- A escolha do ângulo, com relação a altura e com a distância.

Exemplos:

Não esquadrada

Enquadrada



Fonte: Acervo pessoal

Para falar de Luz trago alguns tópicos:

- O significado da palavra fotografia que é: escrever com luz.
- A luz pode ser natural ou artificial.
- A direção da luz é responsável por produzir áreas de luz e áreas de sombra.
- Quando não podemos mudar de lugar o objeto a ser fotografado, mudamos a posição do equipamento.

Exemplos:

Contra a Luz



A favor da Luz



Fonte: Acervo Pessoal

Para falar de foco trago alguns tópicos:

- O foco é a nitidez da foto.
- É definido pela distância e está relacionado com a profundidade (diafragma).
- Pouca profundidade de campo significa que objetos próximos terão diferença de foco entre si. Se a profundidade de campo for maior essa diferença fica menor.

Exemplos:

Fora de foco



Com foco



Fonte: Acervo pessoal

Logo após, trazer esses exemplos, trago o contexto inicial do que é diário de bordo, porque fazer, para que é importante? Planejamentos e dificuldades a serem enfrentadas, acompanhar as evoluções e organização.

No segundo encontro:

Este será um dos dias mais especiais. É o dia da mão na massa. Vamos relembra porque é importante registrar e partir para a produção que é pegar as câmeras que vou levar e explorar algum lugar na universidade. Fazer este registro que algo que gostariam de lembrar sempre. Se o tempo for hábil, vamos escolher as fotos neste dia, se não, iremos escolher no próximo encontro.

No terceiro encontro:

Este dia, vamos escolher as fotos a serem reveladas, uma de cada aluno, penso em um tamanho 10x15. Fazer também uma breve e simples edição, em cada imagem, para eles conhecerem um pouco mais dessa experiência em tratamentos de fotos num geral. Logo, pergunto se alguém quer tentar e já mandamos para a revelação. O programa a ser utilizados serão, o Photoshop e Lightroom, do pacote Adobe.

No quarto encontro:

É o dia de analisar como ficaram impressas e olhar para si e para sua fotografia numa roda de conversa respondendo: O que posso ver em minha imagem? Será que minha foto traz tudo que eu queria fotografar? Como posso melhorar? O que faço com ela no meu caderno de registro? Como vou escrever ou desenhar para lembrar desta experiência? Logo após a conversa, fazer a intervenção com a fotografia, com um resumo, o que eu fiz? Em poucas palavras. O que pretendo deixar registrado deste dia? O que me deixou mais potente? O que poderia ser diferente? Colar, ou grampear no seu caderno e deixar hábil para as próximas produções

6 PLANO DE TRABALHO

Um professor ministrando a oficina, e uma sala com até 20 alunos.

7 BENEFÍCIO (S) PARA A COMUNIDADE

Falar deste item me faz refletir a importância de um projeto de extensão em um determinado lugar, no caso desse projeto, no curso.

Os benefícios que vejo para os alunos e a escola num geral são as possibilidades de:

- Conhecer novas linguagens artísticas;
- Ter contato direto com câmera profissional;
- Conhecer um pouco mais sobre ângulos;
- Conhecer mais sobre o registro e a importância dele;
- Entender um pouco do universo de edições;
- Organizar um caderno com suas próprias produções;

Além disso, o diálogo com os amigos e os professores, saber um pouco mais sobre a importância de registrar e perceber esse olhar poético dos alunos em cada produção, oportunizando um momento lúdico, produzido fora da sala de aula.

8 ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO DO PROJETO COM O ENSINO E A PESQUISA

Vejo esse projeto como uma oportunidade de levar a fotografia como registros dos acadêmicos e ser vista como uma linguagem, além do desenho ou pintura. Não consigo pensar em fotografia se não articular a teoria e a prática, pensando como o ensino e a pesquisa. Como trabalhar a fotografia não vivenciando experiências e ampliando seu repertório?

Só pesquisar, é uma coisa, só trabalhar a fotografia, é outra, as professoras têm muitas turmas e as vezes não dá de articular tudo na mesma hora, e ali estarão tendo a oportunidade de então alinhar um projeto que, tem esse potencial, articular atividades inovadoras, adicionando no plano de aula de uma professora, possibilitando novas experiências, conhecendo mais a experiência de escrita e atribuindo para o acadêmico em formação.

11 REFERÊNCIAS

GUTIÉRREZ, Francisco; ROJAS, Cruz Prado. ***Ecopedagogia e Cidade Planetária***. 3ª ed. Guia da escola cidadã, v. 3. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.

LARROSA Bondía, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber experiência.** Revista Brasileira de Educação. n.19, jan - abr. 2002. Disponível em: . Acesso em: 10 out. 2018.

7 REFERÊNCIAS

ALTASI, Almir. A legislação e o ensino de arte na educação básica. **Boletim Arte na Escola**. Disponível em: <http://blogdocomendador.blogspot.com/2009/09/legislacao-e-o-ensino-de-arte-na.html> . Acesso em: 10 de Set. 2018

BACARIN, Lígia Maria B. P. **O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil**: história e política. 2005. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005. Disponível em: . Acesso em: 12 de Set. 2018.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1994

BARBOSA, Ana Mae Tavares. **Imagem no ensino de arte**: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte**: do ensaio...à encenação. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2007.

COLI, Joge. **O que é Arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 142 p.

DIAS, Belidson. **A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 21-26.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

FERRAZ, Maria Heloísa C.T.; FUSARI, Maria F. R. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRAZ, M. Heloísa C.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia**, saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 38. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005. p. 23-42.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes**: Espaços do Possível. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, 2015.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KLEN, Dilma Marques Silveira (Org.). **Cultura da imagem**: pesquisas, poéticas e mediações. Monte Claros: Recurso Eletrônico, 2013. 104 p.

LAMPERT, Jocielle. **Diário de artista e diário de professor**: deambulações sobre o ensino da pintura. Florianópolis: Ed. Do autor, 2016. 152 p.

LARROSA Bondía, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber experiência**. Revista Brasileira de Educação. n.19, jan - abr. 2002. Disponível em: . Acesso em: 26 Ago 2018.

_____. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **Casa Civil**. Brasília, DF, 18 ago./2008. Disponível em: . Acesso em: 10 de Set. de 2018.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Educação da Cultura Visual**: Conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011).

MARTINS, Alice Fátima. **Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino da Artes Visuais**. In: OLIVEIRA, Marilda O. (Org.) Arte Educação e Cultura. Editora UFSM, 2007. p. 111-130.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (Org.). **Pesquisa social**: teoria, métodos e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.

MATUCK, Rubens. **Cardernos de Viagem**. São Paulo: Terceiro Nome, 2003.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1999. 320 p.

PANOFISKY. E. **Significado nas Artes Visuais**. Trad. M. C. F. Keese e J. Guinsburg 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PARADA, Maurício B. A. O maestro da ordem: Villa-Lobos e a cultura cívica nos anos 1930/1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 17, p. 173-189, jul./dez. 2008. Disponível em: . Acesso em: 10 out. 2018

PIMENTA, Selma G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

QUINTANA, Mario. **Velório sem defunto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. 144 p. (Diversos).

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SCARPA, Regina. **Era assim, agora não...: Uma proposta de formação de professores leigos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 128 p.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SINNER, Anita et al. Analisando as práticas dos novos acadêmicos: teses que usam metodologias de pesquisas em educação baseadas em arte. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 99-124.

SOARES, Rosana. **Concepções pedagógicas nos currículos de artes visuais em Santa Catarina**. 2009. 127 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)- Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1 . Acesso em: 13 de Set 2018

STAMM, Eliana; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **A arte como propulsora da integração escola e comunidade**. Joinville, Sc: Univille, 2007. 95 p.

SUZUKI - MATTAR, Sumaya; ROIPHE, Alberto. **Arte e Educação: Ressonâncias e repercussões**. São Paulo: Eca - Usp, 2016. 280 p.

TARDIF, Maurice. **Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Didática, currículo e saberes escolares. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TARDIF, Maurice. (2002). **Saberes docentes e formação profissional**. Trad. de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes.

TAVIN, Kevin. **Contextualizando a visualidade na vida cotidiana: problemas e possibilidades do ensino de cultura visual**. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs) Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa. Editora UFSM, 2009. p. 225 a 239.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação**. Revista brasileira de educação. Cultura, Culturas e educação, maio/ junho/julho/agosto, nº 23, 2003.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004. 160 p.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar.** Curitiba: IBPEX, 2008.

ANEXO

Anexo 1



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
ÁREA DO CONHECIMENTO: HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA – ESTÁGIO IV


ACADÊMICA: FRANCIELE LEMOS MARTINELLO

Analizando a nova matriz do curso de artes visuais, vejo que a segunda e quarta fase estão fazendo um caderno/ diário de professor. Somos seres de registros, precisamos deles. Pois é, parei para pensar e realmente é verdade, basta nascermos e alguém já corre a providenciar nosso registro, além dos registros da gestação. Outros tantos virão pela nossa vida, memórias do que já fomos ou fizemos: diplomas, certidões, certificados e quantas e deliciosas fotos de aniversários, formaturas, casamentos entre outros momentos importantes. Nós, enquanto professores em formação, também somos agentes de uma história compartilhada por dezenas de colegas, e nesse percurso, deixamos marcas, elaboramos registros e contamos a nossa própria história.

A partir deste parágrafo, escrevo-lhes para fazer 4 perguntas:

- 1- Como você lida com a produção do seu diário de bordo/ diário de professor?
- 2- Como isso contribui na sua formação?
- 3- O quão potente pode se tornar esse registro daqui alguns anos?
- 4- Como você recordaria dos seus momentos na universidade, se não registrasse de alguma maneira?

Anexo 2

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, imagem do meu caderno de professor/registro, do som da minha voz, minha escrita, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Franciele Lemos Martinello do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Silemar Maria de Medeiros da Silva para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, fala, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o seu nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

Anexo 3

Dairan Selau:

1- Como você lida com a produção do seu diário de bordo/ diário de professor?

R: A forma que eu lido na produção do meu diário é através de atividades feitas na universidade e vivências do meu estágio, (cartinhas de alunos, atividades especiais sobre o conteúdo).

2- Como isso contribui na sua formação?

R: Contribui para os debates dentro de sala de aula, pois lidando com alunos diariamente conseguimos em certas ocasiões relatos para uma conversa junto com a turma.

3- O quão potente pode se tornar esse registro daqui alguns anos?

R: Podemos relacionar como era a educação de hoje, com a que a gente irá enfrentar quando estivermos aptos para lecionar em sala de aula.

4- Como você recordaria dos seus momentos na universidade, se não registrasse de alguma maneira?

R: Acredito que através de fotos, de atividades feitas nos ateliês.

Bianca:

1- Como você lida com a produção do seu diário de bordo/ diário de professor?

R: Ah na maioria eu coloco coisas que são significantes para mim, falas de algumas professoras. Algum momento legal, palestras em geral e oficinas. Algo entre amigos e colegas também.

2- Como isso contribui na sua formação?

R: Acredito que contribui bastante, pois gosto de voltar e ver as coisas da primeira fase é legal ver que algumas coisas mudaram. É material de referência também quando eu ser professora. Ideias e minhas experiência também. Amo memórias kkk

3- O quão potente pode se tornar esse registro daqui alguns anos?

R: Acredito que muito, pois como falei é um material de referência, e também uma motivação de uma formação continuada. Pois as coisas sempre mudam

4- Como você recordaria dos seus momentos na universidade, se não registrasse de alguma maneira?

R: Bah não sei é tão bom registrar assim. Talvez tentando lembrar que difícil para mim que as vezes sou bem esquecida kk

Renata Wadocha:

1- Como você lida com a produção do seu diário de bordo/ diário de professor?

R: Eu amo o meu diário, inclusive tenho muito ciúmes deles. Eu faço exatamente um diário, escrevo como se eu tivesse falando com ele. Uso para relatar momentos, frustrações, animações, motivações... coisas que quero fazer, ou que quero ser quando for professora. Uso ele como uma forma de registro da minha vida acadêmica, do desafio que é.

2- Como isso contribui na sua formação?

R: Na minha opinião, ele vai me ajudar muito, na real ele já me ajuda. As vezes eu fico desmotivada com alguém ou alguma coisa vou lá, folheio um pouco e já dá pra perceber que eu já superei muito mais e esse é apenas mais um obstáculo. É o meu maior psicólogo da vida acadêmica.

3- O quão potente pode se tornar esse registro daqui alguns anos?

R: Muitoooooooo eu não tenho dúvidas que vou levar esses 4 diários (1 por ano) para minha vida. E pretendo não parar. Hoje tenho um para registro do PIBID também. Acho muito importante para o crescimento, e como citei para não cometer erros já cometidos.

4- Como você recordaria dos seus momentos na universidade, se não registrasse de alguma maneira?

R: Apenas na mente, e no coração. Já estive aqui dentro por 2 anos e meio (metade da faculdade de direito) e as vezes olho para alguns locais e tenho lembranças, mas

penso que se tivesse feito um diário seria muito importante, legal, divertido. Toda essa nostalgia.

Francine Nazário: Francine se atem

1- Como você lida com a produção do seu diário de bordo/ diário de professor?

R: Então, geralmente vou anexando minhas atividades que entendo fazer parte da minha formação de professora. Algumas parecem não fazer tanta relação com a licenciatura, mas são vivências que me tornam um ser humano - do que considero - melhor, mais sensível, compreensivo e tudo isso - além disso - fazendo parte da minha construção humana, respinga significativamente no "ser professor". Neste caso, são inúmeros momentos que fazem pensar em uma aula ou uma fala... E muitas coisas que dão este "insight", são situações rotineiras, por isso considero importante e registro momentos de arte ou aleatórios, mas que me (re) constroem o tempo todo. É engraçado, porque não tenho uma regra, na verdade é um dos momentos que quebro as regras. Não existe ordem cronológica, pq as vivências são minhas e cada vez que revisito, mudo a ordem de alguma coisa e mesmo sabendo e rememorando com a ordem cronológica. Não gosto de um diário padronizado de tamanho, modelos, cores e folhas fixadas - não me representa em nada, algo padronizado. O primeiro diário existe construção de suporte para anexar essas vivências e talvez até um certo padrão. Os outros já explodem vivências acadêmicas, principalmente no suporte e pode até parecer desleixo - tanto faz - para mim, são as minhas experiências e a necessidade de expor o que foi tocante, marcante na minha vida acadêmica naquele semestre - em especial o Ibero e depois do Ibero passou a ficar claro, mas confesso que penso no que poderia ser o meu "suporte", mesmo não sendo algo que ainda me incomode.

2- Como isso contribui na sua formação?

R: A parte mais importante é o final de cada semestre a revisitação dos outros diários - muito mais do que no início do semestre que pedem na disciplina de Seminário Temático para apresentarmos nossos diários do semestre anterior, porque naquele momento os acontecimentos ainda estão frescos e no final do semestre são inúmeras novas experiências e (re) experienciar o semestre anterior com as novidades fica mais impactante. É importante porque o novo se alia ao não mais tão novo e temos ideias

inusitadas. É importante porque o registro marca e marcos se fazem culturalmente importantes para as pessoas, então faz parte da gente. Nunca tive o hábito de registrar, tanto quanto o faço agora, hoje até meu Instagram são meus diário de bordo na parte dos destaques de stories relacionados a minha formação - principalmente a minha formação - e pastinhas nas coleções dos salvos e é muito bacana revisitar estes espaços.

3- O quão potente pode se tornar esse registro daqui alguns anos?

R: Nossa, acredito que se já se faz importante hoje, daqui anos muito mais. Pra ver meu crescimento, pra ver o que era legal e deveria voltar a fazer, para perceber que tinha algo que não achava bacana, mas me percebo fazendo, auto avaliação. É difícil falar do futuro em seus mínimos detalhes.

4- Como você recordaria dos seus momentos na universidade, se não registrasse de alguma maneira?

R: Então, existem diversas formas para isso. Mas como já mencionei, nunca fui a pessoa do registro. - A Renata deve ter escrito 20 páginas falando de registros. - mas com esses registros vai ser diferente, me recordo de coisas aleatórias e específicas de outras situações de estudo - escola, faculdade, cursos... - talvez coisas de aprendizado dos espaços. Mas não sei dizer, porque Artes já mudou muito a minha vida; já serão diferentes as lembranças pelo contexto. Mas ali no diário existe a minha (re) construção como um ser sensível, humano, empático, criativo.